

A B E C E D A R I O
R E A L,
E REGIA INSTRUCC^GAM
de Principes Lusitanos,

Composto de 63. discursos Politicos, & Moraes:

OFFERECIDO
AO SERENISSIMO PRINCIPE
DOM JOAM N.S.

Livraria d' Alcobaça.



M. R. P. Fr. JOAM DOS PRAZERES,
Pregador Geral, & Chronista mór da
Religiao do Principe dos Patriarcas
SAM BENTO.

L I S B O A.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MIGVEL DÉSLANDES,
Impressor de S. Magestade. Anno 1691.

ABEGEDARIO

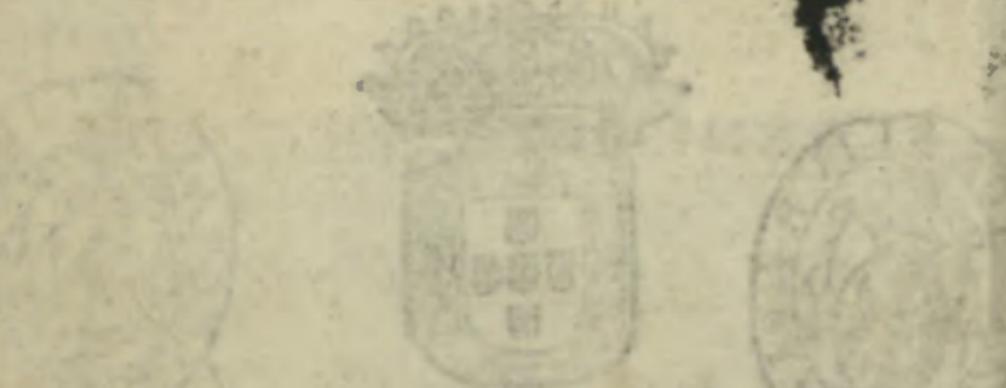
A

ALFREDUS
DE LEXINGTON

CHARTER OF THE
CITY OF BOSTON

THE GREAT SEAL OF THE
COMMONWEALTH OF MASSACHUSETTS
BY THE GOVERNOR AND
COUNCIL APPROVED
MARCH TWENTY EIGHT
THREE HUNDRED EIGHTY ONE

DOMINUM MILLE
CLXXXI



THE GREAT SEAL OF THE COMMONWEALTH OF MASSACHUSETTS
BY THE GOVERNOR AND COUNCIL APPROVED
MARCH TWENTY EIGHT
THREE HUNDRED EIGHTY ONE

SACRANTO

FEBR 10 1881

THE GREAT SEAL OF THE COMMONWEALTH OF MASSACHUSETTS
BY THE GOVERNOR AND COUNCIL APPROVED
MARCH TWENTY EIGHT
THREE HUNDRED EIGHTY ONE



A O
PRINCIPE
DESSO SENHOR.
SERENISSIMO PRINCIPE.

AOS pés de V. R. A. offe-
reço nas vinte & huma-
letras que formaõ o Abe-
cedario, sessenta & tres discursos
politicos, de que se compoem o go-
verno Católico: animando-me a
* ij adian-

DEDICATORIA.

adiantar os avisos , aos annos da comprehensaõ de V. R. A. por me affirmarem os noticiosos, que entre as Nações mais bellicosas, & politicas se usava nas prosapias Reaes , formar o berço onde creavaõ os filhos, dos escudos , com que depois haviaõ de fair à campanha ; ou das armas , que ficavaõ de seus Progenitores, * (desengandas memorias de inclytas proezas) As virtudes que neste breve Compendio deduzi das letras , que daõ principio a seus nomes, saõ os escudos, que a experientia dos Politicos applicou à theorica de hum gover-

DEDICATORIA.

governo. Os exemplos dos Reaes
Predecessores de V. R. A. com
que abono a virtude das maximas
que escrevo , forao as armas , pe-
las quaes conseguiraõ o triunfo
da fortuna : Huns, & outros de-
fensivos , consagro à educaçao de
V.R.A. para que lhe sirva de ber-
ço, o que a seu tempo lhe ha de for-
talecer o braço ; porque naõ he me-
nos o nascer Principe Portuguez,
do que Hercules Tebano : & se
este, no berço aprendeo a ensayar as
forças, que depois lhe deraõ a fama;
he rezão, que V. R. A. no berço se
applique a usar das armas , que de-
pois

DEDICATORIA.

pois lhe perpetuem o nome. A vida
de V. R. A. augmente Deos,
para defensa da Fé, & gloria do
Reyno.

Fr. Joaõ dos Prazeres.

CEN-

CENSURA DO M. R. P. M.
Fr. Joaõ da Magdalena, Leitor
jubilado, da Terceira Or=
dem de S. Francisco.

EMINENTISSIMO SENHOR:

O Bedecendo ao Decreto de V.
Eminencia, vi , & com aten-
çāo ponderei este *Abecedario Real,*
*E Regia Instrucçāo de Principes Lu-
sitanos*, Author o M. R. P. Fr. Joaõ
dos Prazeres, Prègador Géral , &
Chronista mór da sagrada Religiaõ
do Patriarca S. Bento; & conhecen-
do já de outras obras, que o Author
deu à estampa, o excesso que fez aos
mais Chronistas na erudiçaõ , na
verdade , & na elegancia , nesta me
parece se excedeo a si mesmo , por-
que às poucas letras do A, B, C, re-

duzio hūa solida , & amplissima In-
strucçāo na Fé, & bōs costumes para
hum Principe ser perfeito no gover-
no proprio , & dos vassallos ; & in-
strucçāo do governo humano, não
he A, B, C, segundo Nazianzeno;
he Arte das artes , & Sciencia das
Sciencias : *Ars artium, & Scientia
Scientiarum, quæ hominem regit, ani-
mal omnium maxime varium, & mul-
tiplex;* & tal me parece esta compen-
diosa obra, porque para dirigir a hū
Principe Catholico , em quanto
Principe ao Politico, & em quanto Ca-
tholico ao Divino , nem tem apice
superfluo, nem he em jota diminuta.
Contém artificiosa consonancia en-
tre a doutrina dos Santos Pádres, &
sentenciosas Maximas dos Filosofos
antigos , & em tudo sonóra a nossa
Santa Fé, & bons costumes, porque
he

he política erudiçāo de verdades
Christãas, persuasiva de virtudes, &
reprehensiva de vícios; com que me
parece dignissima de sair a luz, para
que a dé assim ao Príncipe nosso Se-
nhor, coino aos mais. Convento de
N. Senhora de Jesus de Lisboa 15.
de Janeiro de 1692.

*Fr. João da Magdalena,
Leitor jubilado.*

CEN=

CENSURA DO R^{mo.} P. M.
Fr. Manoel Leitaõ; da Ordem
dos Prègadores.

VI este Abecedario Real, &
Regia Instrucçao de Principes
Lusitanos, Author o M. R. P. Fr.
João dos Prazeres, Prègador Geral,
& Chronista mòr da sagrada Reli-
giaõ do Patriarca S. Bento, & sendo
em tudo ajustado a nossa Fé, & bôs
costumes, he juntamente digno de
muitos louvores pela muita erudi-
çaõ de seu Author, em que se vê
quam falso he o ditto de alguns que
com menos consideraõ disserão,
que nunca podiaõ os Religiosos se-
rem bons Politicos (como se da me-
lhore Politica naõ fosse base, & fun-
damento a Virtude, & Religiao)
mas já este parecer se vê desmentido
nesta

nesta Obra feita por hūm Religioso, com tanto engenho, erudiçāo, & acerto , que se pòde chamar o melhor Politico. Hé tal este Abecedario ; que elle só por si bastava para que quando S. R. A. o decorre, & saiba , se constitua hum Principe taõ perfeito, que se veja ser dos seus Progenitores o melhor imitador, & para os seus Successores hum grande exemplar. Compoemse este Compendio de poucas folhas , propriedade das arvores,que daõ de si muitos frutos ; naõ como algumas, que sendo menos que pouco o fruto, he mais que muito a folhajem. Os similes , & comparaçōes, de que usa o Author nestes seus documentos, saõ taõ insignes , & proprios, que a sua propriedade naõ só ensina, & recrea, mas admira. E porque naõ só
serà

serà de grande utilidade para a edu-
cação de S.R.A, mas tambem para
a de outros Príncipes, com credito
da nossa Nação Portugueza, me pa-
rece muito digna de que se impri-
ma. S. Domingos hoje 23. de Ja-
neiro de 1692.

Fr. Manoel Leitão.

CEN-

CENSURA DO M. R. P. M.
Joaõ de Almeida, da Com-
panhia de Jesus.

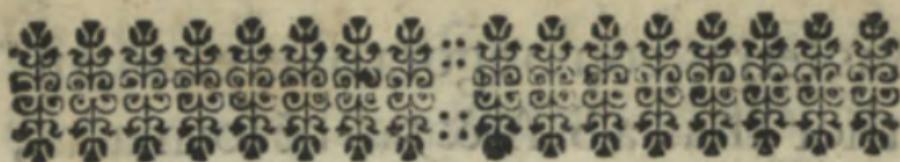
SENHOR.

EXercitou o Author taõ felizmente a penna nas gloriosas acções do Principe dos Patriarcas, seu glorioſo Padre S.Bento, que parece foi disposiçao superior, que se ensayasse entaõ nas Emprezas daquelle grande Principe, para fair agora cõ esta do *Abecedario de Principes*, que offerece a S. A. o Principe nosso Senhor que Deos guarde: Nas de seu Santo Patriarca mostrou que se podem ajustar as virtudes cõ a politica; & nesta, mostra que põde, & se deve ajustar a politica com as virtudes. E para que os puramente esta-

estadistas naõ censurassei por nova
esta maxima, com incansavel estudo,
& singular liçaõ dos Authores mo-
stra com Santos , com Politicos, &
ainda com profanos o quanto foi
sempre de todos , & em todas as ida-
des venerada dos mayores homens, &
praticada dos melhores Principes,
que de si deixáraõ gloriosa me-
moria: & para que a S. A. naõ sejaõ
estranhos os exemplos,lhe poem à
vista os dos Senhores Reys seus glo-
riosos Ascendentes : com tal acerto,
que sendo doutrina de tantos como
allega, parece he só sua; emfim, como
creado na escola daquelle Santo Pa-
triarca, que logo na fundaçao de sua
Sagrada , & Illustre Religiao quiz
que seus Conventos o fossem de Re-
ligiosos, & juntamente escolas aon-
de Principes aprendessei as primei-
ras

ras letras, como agora offerece o Au-
thor estas a S. A. & taõ bẽ formadas,
que o faraõ hum Principe perfeito,
como esperamos o ha de ser S. A. pelo
que me parece digno que V. Mage-
stade lhe cõceda a licença que pede.
S. Roque 30. de Janeiro de 1692.

Ioaõ de Almeida.



LICENÇA DA RELIGIAM.

OM. R. P. D. Abbade do nos-
so Mosteiro de S. Bento da
Saude,& o Reverendissimo P. Chro-
nista mór do Reyno, vejaõ o livro ,
de que o supplicante aqui faz men-
çaõ , & achando tem os requisitos
para se dar á estampa , damos a li-
cença que se pede. Coimbra 20. de
Novembro de 1691.

*O D. Fr. Bento de S. Thomas,
Geral de S. Bento.*

Re-

*CENSURA DO M. R. P.
Prègador Gèral Fr. Roque da Na=
tividade, D. Abbade do Mo=
steiro de S. Bento da Saude:*

R^{mo}. P. N.

O Bedecendo como humilde
subdito à ordem de V. R. em
que me manda reveja o livro intitu-
lado, *Abecedario Real, & Regia In-*
strucçao de Príncipes Lusitanos, com-
posto pelo M.R. P. Prègador Gèral
Fr. Joaõ dos Prazeres , Chronista
mòr de nossa Religiao; digo, que tive
excessivo gosto de o ler , & em seu
Autor muito que louvar , & enten-
do que se nos dous tomos, que com-
poz de Emprezas da vida do Princi-
pe dos Patriarcas, fez a todos paten-
te o subido de seu engenho na inve-

**

etiva

Etiva das Emprezas, nos acertos dos apodos, na abundancia, & noticia de escrituras , assim divinas, como humanas : com este Abecedario Real o corou na escolha dos assumptos, na brevidade dos discursos, na pureza da linguajem , & sobre tudo no fallar ajustado , dando reaes documentos ao Principe nosso Senhor com os exemplos de seus Predecessores , para ser em tudo Principe perfeito ; pelo que me parece Vossa Reverendissima lhe dè a licença que pede para se imprimir. Lisboa, Saõ Bento da Saude 26. de Dezembro de 1691.

Humilde filho, & subdito de V. R..

*Fr. Roque da Natividade,
D. Abade do Mosteiro de S. Bento da Saude.*

CEN-

CENSURA DO R^{mo}. P. PRE-
gador jubilado Fr. Rafael de Jesus,
Chronista mór do Reyno.

R^{mo}. P. N.

Fr. Bento de S. Thomas.

SEm faltar à obediencia , nem à censura , li este breve compêndio; que seu Author intitula, *Abece= dario Real , & Regia Instrucçāo de Príncipes Lusitanos* , regulandolhes as vidas pelas maximas, com que sahio a luz nos primeiros dous tomos, que escreveo das heroicas virtudes , & Catholicos documentos do Príncipe dos Patriarcas nosso Padre S. Bento , & me parece taõ digno de aplausos , como izento de censuras, & que Vossa Reverendissima naõ só

Ihe deve conceder a licença , que
pede , senão tambem o deve obri-
gar , a que com toda a brevidade o
dê á estampa , porque se manifeste a
riqueza do thesouro , sem o defrau-
darem os vagares do tempo. Lisboa,
S. Bento da Saude em 5. de Janeiro
de 1692.

Humilde filho ,
& servo de V. Reverendissima ,

*Fr. Raphael de Jesus ,
Chronista mór do Reyno.*

LICENÇAS.

VIstas as informações, pode-se imprimir o Abecedario Real, de que esta petiçāo trata , & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra , & sem ella naõ correrà. Lisboa 25. de Janeiro de 1692.

Pimenta. Noronha. Castro.
Foyos. Azevedo.

POde-se imprimir o livro , de que a petiçāo faz mençaõ , & depois tornarà para se conferir , & ** iij dar

dar licença para correr , & sem ella
naõ correrá. Lisboa 27. de Janeiro
de 1692.

Serraõ.

Que se possa imprimir ; vistas
as licenças do Santo Officio,
& Ordinario ; & depois de
impresso tornarà à Mesa para se
taxar , & conferir , & sem isso naõ
correrá. Lisboa 4. de Fevereiro de
1692.

*Mello P. Lamprea. Ribeiro.
Cerqueira.*

Cohæ-

Cohæret cum originali. In
Conventu Deiparæ à Jesu die
22. Martij 1692.

*Frater Joannes à Magdalena,
Lector jubilatus, & Sancti
Officij Consultor.*

VIsto estar conforme com seu
original, pôde correr. Lisboa
28. de Março de 1692.

*Pimenta. Noronha. Castro.
Foyos. Azevedo.*

Pode correr. Lisboa 30. de Mar-
ço de 1692.
Serraõ.

Tai-

Táixaõ este livro em húm to-
staõ. Lisboa 28.de Março de
1692.

*Mello P. Lamprea. Roxas.
Marchaõ. Azevedo. Ribeiro.*



A

- 1 *Amanite,*
- 2 *Amado,*
- 3 *E Animoso.*

PARA utilidade dos homens, Senhor, se inventaraõ as letras. Por mais qualificada que seja a pessoa, he diamante bruto, em quanto não clarifica o juizo. O exordio por onde a Arte começa a polir a natureza, he o *Abecedario*, que ensina a conhecer a forma das letras, cõ que

A des-

desbasta a rudeza dos engenhos. As diferenças dos homens , saõ como as especies das arvores, que ou sejão reaes, ou inferiores , todas nascem sem prestimo, & depois a natureza as alimenta, & a Arte as cultiva, & aperfeiçoa.

A letra A; he por onde principia o Abecedario. Os Ortograficos dão a esta letra a primazia, pela considerarem mais proxima ao coração; porque na pronuncia se respira do mais intimo ; 1. & quando nascem os homens , he a primeira que dearticulão : 2. & se o emprego do nosso amor , he o primeiro affecto de hum coração; 3. só Deos he o unico objecto, que merece ser amado; & sendo o amor de Deos, o primeiro exordio da educação de V.R.

A. será o nativo , & cordeal empe-
nho de toda sua vida : os Principes,
ainda que vasos de ouro na excel-
lencia, saõ vasos de barro na forma-
ção; & como taes, sempre ficão com
o sabor da primeira agoa , que rece-
bèraõ, ainda que depois lhe lancem
outra mais, ou menos faborosa.

Assim que V.R.A. chegar ao tem-
po da adolescencia , & nelle indu-
striado na Doutrina Christãa; sem
cujos documentos , & comprehen-
saõ não està idoneo para os empre-
gos de seus espirituaes affectos; lem-
brese, que o amor de Deos he o pri-
meiro mandamento da Ley Divina,
& por tanto , deve ser a primeira
gala, com que V.R. A. exorne o es-
pirito ; & ennobreça a purpura ; 5.
& o primeiro grão por onde ha de
A ij subir

subir para o Ceo, & para o Solio. 6.
Neste amor, tem V.R.A.o melhor
conselheiro para as felicidades do
tronco, & para as honras do tumulo.
7. Feliz o Principe, que semelhante
ao Sol , com a mesma luz que ap-
parece no Orizonte , se vê no Occi-
dente ; & no mesmo tempo em que
dà luz à terra , resplandece no Ceo.

Comece V. R. A. a subir, com
advertencia, que naõ poderá adqui-
rir virtude , que a naõ ache illus-
tra-
da em seus Ascendentes : & para
navegar pelo mesmo rumo, por onde
elles aportaraõ felices ; 8. conheça,
que o serem *Amantes* de Deos,& do
proximo, foraõ as duas azas, 9. que
os remontaraõ, & com que excederàõ
a todos os Principes de Europa:
& que o reciproco amor , com que
foraõ

Regia Instrucção de Principes. 5
foraõ Amados de Deos, & dos vas-
falloſ , os *Animou* a acometerem
emprezas taõ arduas, que lhe servi-
riaõ de mortal tropeço , naõ fendo
animados destes douſ Espiritos. Os
Principes ſem eſtas duas azas , ſão
como as Aguias , em lhes faltando
aquellas , que lhes deu a natureza ;
ſem as quaes,nem aveziinhaõ com o
Sol, nem dominaõ ſobre as nuvẽs.

O fervoroso amor de Deos, com
que o Senhor Felippe Wilhelmo,
ſendo Duque de Neuburg, chorava
ſuas culpas aos pés de hum Crucifixo,duas horas de manhãa,& outras
tantas de noite , 10. o levantou a
Principe Eleitor Palatino,com tan-
tas ventagẽs a todos os Principes ,
que tendolhe fabricado o berço de
todos os brazoẽs illustres de Euro-

pa,lhe ornou o tumulo com as melhores Coroas da Christandade. Senhor , o *amor de Deos* , he a verdadeira pedra filosofal , cujo toque converte em ouro a terra, que a natureza criou barro , & o Sol transforma em varios metaes.

E advirta V.R.A. que Deos naõ lhe aceitarà os actos de seu amor, quando lhe falte aos preceitos de sua ley ; porque o Principe que naõ observa os Mandamentos de seu Creador , he semelhante ao vassallo, que tem odio à ley de seu Principe ; o qual , ainda que se mostre amigo na veneraçao externa , he seu contrario no foro interior. II.

Conhecendo tambem , que o amor dos Principes para com Deos, naõ se qualifica nos actos de reconheci-

Regia Instrucção de Príncipes. 7.
nhcimento, senão nas obras de vir-
tude: não só no particular fervor
do espirito , com que o amaõ ; mas
tambem na magnificencia do culto,
com que o veneraõ. 12. A edifica-
ção de cento & sincoenta Igrejas,
que El-Rey D. Affonso Henriques
erigio em gloria de Deos, & de seus
Santos, 13. deixou por documento,
que o amor dos Príncipes para com
Deos , he como o amor dos homens
para com seus progenitores ; que
em faltando à veneração dos pays,
desmentem do amor de filhos. 14.

Do amor de Deos , nasce o amor
do proximo: este , sendo chamma a-
teada daquelle fogo, he o nutrimen-
to delle. 15. Tanto mais subirà V.
R. A. no amor de Deos , quanto
mais se adiantar no amor do proximo.

A iiiij Para

Para com os Principes , o proximo
mais proximo , saõ os vassallos : &
muitos desejão ter subditos taõ
beneméritos, como V.R.A.tem nos
Portuguezes. 16. El-Rey D. Joaõ o
Primeiro de Castella , & a Rainha
Cathólica de Hespanha D. Isabel,
dizião, que entre as Naçõẽs, sómen-
te os Portuguezes amavaõ a seus
Reys, como a seus pays. 17. E isto
he , & foi procedido, dós Principes
Lusitanos os estimarem sempre co-
mo filhos, & nunca os opprimirem
como servos. 18. Hum Principe
altivo, descompondo subditos reve-
rentes, he semelhante ao espinheiro
ingrato, presidindo a plantas saluti-
feras, as quaes fogem da sua sombra,
& se amparaõ de outra arvore , que
lhes sustente, & naõ lhes prejudique
a virtude.

Ama-

2 Amado de Deos, serà V.R.A.
afortunado com tal excesso , que os
Anjos pelejarão em sua defensa,assí
como o fizeraõ na batalha do Sala-
do,onde El-Rey D. Affonso o Quar-
to, se laureou invencivel ; 19. & o
mesmo Deos lhe defenderá a vida,
como guardou a do nosso restaura-
dor,o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto,
cegando com o denso de húa nuvem
ao Sacrilego, que intentou darlhe a
morte.Os Principes *amados de Deos*,
gozaõ as immunidades da arvore
Attricia , a quem não corrompe a
agoa, nem consume o fogo ; porque
o Sol lhe cõmunica tal virtude, que
a livra dos contrastes do tempo ,
com que triunfa no campo,& se im-
mortaliza nas obras que lhe perpe-
tuão a vida.

Ama-

Amado dos vassallos , exper-
mentarà V. R. A. em obsequio de
seu serviço, o natural amor, com que
os Portuguezes desprezaraõ a pro-
pria vida, por salvarem a de seus Mo-
narcas ; & aquelle inexpugnável es-
forço , com que dilataraõ o nome
de seus Príncipes, por todo o gyro
por onde o Sol aperfeiçoa o curso.

20. Em tudo saõ os vassallos pare-
cidos com a terra , principalmente
em se transformar em bronze, ou se
converter em ouro , conforme o
mayor, ou menor influxo, com que
lhe assiste o Planeta : subindo de va-
lor correspondente ao empenho ,
com que a fomenta o Sol.

3 Do mais generoso affecto for-
mou Deos o *animo*, que he a mayor
virtude dos Príncipes ; 21. o qual
entre

Regia Instrucçāo de Principes. 11
entre os bens temporaes , he a me-
lhore herança ; 22. pela soberania
com que se engrandece , & sustenta
a si mesmo ; 23. pela virtude com
que exorna,& immortaliza os Prin-
cipes ; 24. pela valentia com que
soporta , & vence os trabalhos; 25.
pelo esforço com que sopēa os vi-
cios, que lhe esçurecem o credito ;
26. pelo arduo das emprezas , em
que occupa as forças, com que abo-
na o espirito; 27. & pela prudencia,
por onde governa as accōes , fugin-
do da temeridade , q̄ lhas deslustra.
28. Os attributos do valor , & as cō-
diçoēs da fermosura confrontaõ, em
que a correspondencia das partes
constitue a perfeiçāo do todo.

Os soldados pelejaõ com a voz,
& com o braço . em, sendo a
voz

voz, & o braço de Deos : & se o instrumento naõ obrar conforme a vontade do artifice, faltará a V. R. A. a fidelidade, & valor dos Portuguezes, quando lhe falte o braço de Deos com o costumado auxilio, cõ que amparou a todos seus Ascendentes. O animo dos Principes desanimado de Deos , & estabelecido na copia, & valor de seus exercitos, padece o mesmo , 29. que experimentaõ os Indios Orientaes na pedra Herviana ; a qual no mesmo dia em que amanhece pedra , anoitece cinza. 30.



B

- 1 *Bellicoſo,*
- 2 *Benefico,*
- 3 *E Benevoſo.*

1 **E**Ntre os Planetas , o de Marte, pelo que tem de belicloſo, he annūcio de felicidades, quando predomina nos Principes : assim o experimentou Portugal na acclamaçāo dos Reys D. Joaõ o Primeiro,& do Senhor D. Joaõ o Quarto,a quem a força das armas assegurou a posſe do Reyno. Senhor , os subditos governados por hum Principe belicloſo, consideraõ-se atomos atrahidos do Sol , que ou se resol-

vem

vem em agoa , com que fertilizaõ a terra; ou em trovoës , com que ate-morizaõ o mundo.

He inutil o animo , sem o exer-cicio das forças ; 1. mas nem toda a occupaçaõ he espelho do valor : 2. o domar Leoës, & naõ o acobardar ovelhas foi todo o emprego do val-or Lusitano. As primeiras embar-caçoës , que El-Rey Dom Manoel mandou à India , levavaõ ordem de naõ fazerem guerra aos inertes , se-naõ aos bellicosos. 3. A tempestade, desacredita as forças , movendo as areas, & deixando as pedras.

A magestade das armas , distin-gue a soberania dos Principes , da sobordinaçaõ dos vassallos ; 4. di-lata os Reynos, cõ o braço dos sub-ditos ; 5. pacifica o povo , com o terror

terror das armas; 6. & resguarda o Cetro, com o temor dos inimigos: 7. sendo o exercicio das armas, como as carrancas da nuvem, que apparecendo no Ceo, obriga ao Piloto a recolher as velas, receoso da tempestade.

2 Benéfico para com todos, tem V. R. A. obrigaçāo de ser, em todo o tempo; para que em nenhum lhe falte a real virtude da beneficencia, 8. sem a qual, fora inutil o provimento das armas, com que El-Rey D. Joaõ o Primeiro presidiou Portugal; conhecendo, que El-Rey D. Fernando por falta dellas, o havia atenuado. 9. As armas nas mãos dos vassallos, faltando a beneficencia da parte dos Príncipes, são espadas desembainhadas sem odio, nem amor;

amor ; que quando muito , chegaõ
a apartar, & naõ passaõ a ferir.

Nenhum rational , & menos
hum Principe , pôde obrar taõ ex-
acto, que lhe naõ arguaõ defeitos: a
beneficencia he a capa que os co-
bre; 10. porque reconcilia os ani-
mos . Affirmaõ todos , que a libe-
ralidade com que El-Rey D. Fer-
nando dispendeo os thesouros , era
a fim de cohonestar a falta de seu
governo. 11. Os desafeiçoados , se-
guem o natural dos rafeiros , que
naõ ladraõ em quanto comem, nem
mordem a quem lhes dà de comer.

Use V.R. A. da *Beneficencia* com
tal discriçãõ, q naõ pareça prodiga-
lidade, dispensendo sem conta , &
sem respeito : naõ ostente prodiga-
lidades , premee benemeritos ; 12.
faci-

Regia Instrucçāo de Principes. 17
facilitandolle o favor , parà que o
estimem como dadiva, & naõ como
preza , 13. que desobriga do agra-
decimento,a quem a leva por força.

13 A *Benevolencia*, & a *Justiça*,
saõ as duas fontes, por onde a libe-
ralidade corre com estimacão , &
pureza. 14. Julgàraõ os Politicos,
que o sogeito mais affavel, merecia
o primeiro lugar na Republica, 15.
pelo considerarem mais rico , por-
que mais amado ; 16. mais fortale-
cido , por mais independente. 17.
Assim por estas , como por outras
virtudes merece a *Benevolencia*, que
V.R.A. a estime como Coroa, que
remata os claros da Magestade , &
authoriza os poderes da soberania.

O natural de hum Principe be-
nevolo, he moderado na ira , misé-

B ricor-

ricordioso nas penas , cuidadoso de todos ; 18. & remunerador de serviços: 19. atributos, que exaltaraõ as Coroas dos Reys D. Joaõ o Primeiro , D. Joaõ o Segundo , & D. Manoel; a cuja beneficencia se pôde attribuir aquella superior veneraçao, com que forao amados , & temidos. A beneficencia, goza as imunidades do orvalho,que na bran- dura,com que refresca a terra,apro- veita mais , do que a inundaçao da chuva , que escarva os montes , & afoga os valles.

(**)

Cathos

C

- 1 Catholico,
- 2 Circunspecto,
- 3 E Confiado.

1 **D**Es necessaria advertencia,
a de Catholico , para
hum Principe filho de Pays Chri-
stianissimos,& Senhor de hum Rey-
no em todos os seculos orthodoxo,
& que dignamente conserva hoje o
seu antigo Brazaõ , de *Sacrario da*
Christandade; porque o culto, com
que nelle se venera a Deos , excede
ao de todas as Nações , com tal ex-
cesso, que S. Francisco Xávier o ac-
clamou na India pelo mayor da
Bij Chri-

Christandade: 1. & se o Reyno he o mais Catholico , V. R. A. tem obrigaçao de ser o mais religioso ; 2. para cõ seu exemplo lhe augmentar , & naõ diminuir o credito. A vida dos Principes , naõ correspondendo à virtude do Reyno, he planta esteril em terreno fecundo , que lhe esteriliza a fertilidade , porque lhe enfraquece a virtude.

Seja V. R. A. Catholico sem hipocrisia , nem superstição ; que he culto profano , & religião apparente ; 4. & a hipocrisia , apparen- cia mentirosa , & fingimento desleal a si proprio. 5. Entre os Reys de Portugal, se naõ encontra Príncipe contaminado desta falsa luz ; que depois de enganar os olhos, mostra desapparecendo , que era vapor , o que

Regia Instrucçāo de Príncipes. 21
que parecia estrella.

2 Circunspēcto na especulaçāo dos negócios deve ser o Príncipe, para conhecer a verdade ; por naõ cair no erro do Piloto , que perdeo a embárcaçāo , porque naõ sondou os baixos do pêgo.

As circunstâncias afeaõ a culpa, ou enfeitaõ o delito ; diffultaõ o emprego, ou facilitaõ o progresso. O resolver sem prēmeditar , he arriscado a retroceder sem conseguir; deliberaçāo odiosa na vontade, com que emprendeo a vingança , & imprudente no arrojo , com que perdeo o respeito. Acçāo louvada de todos , foi a de El-Rey D. Affonso o Terceiro , deixando de romper com França , advertindo a falta de gente com que se achava , pelos co-

piosos exercitos que tinha fóra do Reyno : 6. pelo que , està V.R.A. obrigado , a investigar por todos os caminhos as conveniencias do tempo, & da pessoa , 7. o complicado dos negocios , & a sufficiencia dos sogeitos, com as obrigaçõeſ dos lugares ; porque o artifice , que naõ delineou primeiro na Idéa o artefacto da obra, destruió tudo , quanto dispoz inconsiderado.

3 Confiado em demasia , naõ he de Principe sobrado de prudencia ; se he vicio o crer a todos, igualmente o serà, naõ dar credito a nenhum. 8. Mais util he a desconfiança , que examina, do que a seguridade , que descuida. 9. O confiar acautelado, he desconfiança de prudentes : maxima por todas as razões amadas dos

dos Principes desejoſos de augmen-
tar a Republica , como os Contrata-
dores de segurar a fazenda , abo-
nando o credito da palavra com o
juridico das escrituras.

A confiança imprudente , que
El-Rey D. Sancho o Capello fazia
de seus ministros,o privou do trono;
10. & a cega desconfiança de El-
Rey D. Joaõ o Segundo, lhe enne-
voou os claros de seu luzimento.
11. Senhor, em todo o negocio ha
V.R.A. de crer com mais segurida-
de ao parecer de hum ministro des-
interessado , do que à loquacidade
de muitos requerentes; que taõ inu-
til he para o governo hum Princi-
pe, que de todos se fia, como aquel-
le que desconfia de todos : 12. por-
que mal pôde saber o numero das

B iiiij horas,

horas , quem não dá credito a nenhun sinal dos relogios que ouve.

D

1 *Docil,*

2 *Discreto,*

3 *E Desinteressado.*

1 **D**ocil com superioridade , foi o natural dos Principes; a quem as historias celebrão heroicos em toda a virtude. O animo pertinaz, tem na obstinação toda a rusticidade , & o *Docil* goza na brandura toda a policia. Bruto, & não polido seria o diamante , se fora inflexivel na dureza ; em se reduzir , a arte, descobre os quilates que

A Magestade como vé menos, deve ouvir mais, por se naõ engolfar no parecer proprio. El-Rey D. Pedro o Primeiro, sendo amantissimo da justiça, adquirio o nome de Cruel, pela inflexibilidade, com que nos castigos excedia os termos da ley, & da propria jurisdiçāo: 1. pelo contrario, El-Rey D. Affonso o Quarto, morigerou o colerico de seu animo, na *docilidade* com que ouvio, & obedeceo aos ministros, que o arguiraõ de remisso no governo, & de demasiadamente inclinado à montaria. 2. A soberania dos Principes, & a fineza do ouro abonaõ os quiliates, em se dobrarem sem quebra.

O animo *Docil* com facilidade, recebe a opiniaõ verdadeira, & refuta

fûta a falsa. 3. Ninguem se livra de errar como homem ; mas só de nescios he, perseverar no erro como brutos. 4. Senhor, estime V.R.A. o seu querer , como ouro creado no mineral de seu entendimento ; com tal respeito, que o entregue às chamas do conselho , para o livrar das fezes , que pôde ter o parecer proprio.

2 Discreto com singeleza, (que val o mesmo, que prudente sem engano) 5. he virtude propria dos Principes . 6. A discriçao civil he demonstradora da prudencia , por ser a lingua, que declara, & explica a sciencia politica , cujas propriedades saõ , ver a pessoa , & conhecer-lhe o animo; 7. donde a falta desta Discriçao, desalenta tanto o discuso

Regia Inſtrucção de Principes. 27
ſo do Principe , quanto a falta de
forças ao corpo humano ; o qual
perde os acertos das operaçōes, por
falta da agilidade.

Esta diſcriçāo , he no mundo a
Arvore da ſciencia do bem , & do
mal, 8. que Deos creou em recom-
penſa daquella, donde Adão colheo
o pomo vedado: os frutos desta Ar-
vore ſão, memoria do paſſado, intel-
ligencia do presente, & attençāo ao
futuro ; 9. cujo ſabor he o da Juſti-
ça, Temperança, & Fortaleza : 10.
com estes frutos ſuſtentārāo o Rey-
no D. Affonso Henriques, D. San-
cho, D. Joaõ o Primeiro , & o Se-
gundo, D. Manoel, & o Senhor Rey
D. Joaõ o Quarto. Senhor, a Diſ-
criçāo Politica, he o leme por onde
ſe governaõ as Monarquias ; estas,
assim

28 *Abecedario Real, &c.*
assim como as embarcaçãoes, seguem
o rumo, que lhes mostra a sciencia
do Piloto.

3 Desinteressado he todo o Prin-
cipe educado para Rey, & naõ para
mercador. 11. O lucro he interesse
de necessitados, 12. & naõ comercio
de Principes. 13. O desinteresse re-
freia os envejosos, & desinente os mal
intencionados. O despego, com que
se houveraõ os Reys D. Affonso o
Bravo na batalha do Salado, 14. El-
Rey D. Joaõ o Segundo no desco-
brimento dos Estados do Preste
Joaõ, 15. & El-Rey D. Manoel na
conquista da India, 16. desmentio as
aleivosas calumnias de seus emulos:
porque todas conhecem, que a am-
biçaõ dos Principes he o formento,
que lhes corrompe a virtude; o des-

inte-

Regia Instruçāo de Principes. 29
interesse, a triaga que lha preserva.

E

- 1 *Esmoler,*
- 2 *Expedito,*
- 3 *E Eloquente.*

1 **C**elestial comercio, o da *Esmola*, que adquire mais do que dispende. 1. Ditoso o Principe, que enriquece o Reyno por aquelles meyos, porque compra o Ceo. 2. Nenhum dos Reys de Portugal ignorou este suave modo de prover os Erarios, sem o cuidado de beneficiar o trigo, depois que o lançaraõ à terra, que foi a maõ dos pobres, a quem enriquecerão

ceraõ com dadivas: 3. nesta provi-
dencia, foi mais intelligente que to-
dos , El-Rey D. Affonso o Tercei-
ro, que chegou a vender as joyas de
seu thesouro , por haver dispêndido
com os pobres todo o dinheiro a-
moedado que tinha. 4. Elle, & seu
filho El-Rey D. Diniz colheraõ os
frutos desta seara, com vantagens taõ
multiplicadas, como experimenta o
Justo, a quem as mãos de Deos ser-
vem de thesouro ; & naõ o pecca-
dor , que nas mãos dos homens faz
o seu deposito.

Imitou o filho ao Pay, El-Rey
D.Diniz a El-Rey D.Affonso, com
desigual fortuna na eleição do tem-
po ; porque o Pay dispêndeo em
vida,& o filho à hora da morte; 5.&
he certo, Senhor , que a luz q guia,
livra

Regia Instrucçāo de Principes. 31
livra dos tropeços , & a que segue,
naõ izenta tanto dos perigos.

2 *Expedito*, & naõ arrojado , he
todo o Principe dotado de pruden-
cia. O premio; & o castigo, podem
ser penosos, & suaves ; na brevidade
ou detença medem as espadas , &
igualaõ os escudos. O desengano
vence a esperança no util, 6. ainda
que a promessa entretenha a muitos
com a esperança. 7. O Principe que
naõ espera lhe repitaõ a supplica, do-
bra a dadiva ; 8. & para premiar
com justiça, & utilidade das partes,
deve ser *Expedito*, porque se gover-
na pelo entendimento, & memoria;
& naõ accelerado , que segue os im-
pulsos da vontade : & se muitas ve-
zes succede aos que tem vista erra-
rem as veredas; como poderão os ce-
gos;

Seja V.R.A. *Expedito* com a denomi nação de prudente , para não faltar às attençoēs da justiça, piedade, & magnificencia ; porque senão fora prevista , seria perniciosa a expedição, com que differiaõ às supplicas os Reys D. Pedro o Justiçoso , D. Joaõ o Terceiro , D. Manoel, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto. Senhor, a embarcação quanto mais vceleira , em lhe faltando o leme , mais depressa dà à costa.

3 A *Eloquencia* he sabedoria frondosa, fecunda, & agradavel; que se adquire com a liçaõ do estudo, & com a practica dos sabios. 9. O seu prestimo he avassallar com a elegancia das palavras , o que se não pôde conseguir com o poder das
bras.

obras. Atráhe os animos, 10. naõ exceptuando qualidades , porque se oppoem à potencia dos Reys . 11. Dóma a cavilaçao dos inímiigos ; & pacifica o orgulho dos ingratos: 12. rezões que constituem a hum Principe sem *eloquencia* , homem sem falla,que lhe he necessário trabalhar com as mãos, para dar a entender, o que naõ pôde pronunciar.

Mas com a *Eloquencia* ser taõ poderosa,mais util serà a hum Principe, parecer rustico , & ser Santo, do que distrahido, & eloquente. 13. Ha muitos , que estimão menos o serem virtuosos , do que parecerem entendidos. 14. Naõ estime V.R.A. esta ignorancia , preze muito a virtuosa *eloquencia* de seus Ascendentes, El-Rey D.Diniz,D.Joaõ o Pri-

C meiro,;

meiro, D. Manoel, & D. Sebastiaõ;
 * porque se as folhas galanteaõ os
 troncos, os frutos distinguem as
 qualidades.

Naõ se engane com a loquaci-
 dade, tendoa por eloquencia ; por-
 que o fallar muito, he teima de nef-
 cios; & o pouco fallar, propriedade
 de entendidos : 15. & se as folhas
 saõ linguas das arvores , menos se
 movem as do Platano salutifero, do
 que as do Alamo infructuoso.



F

- 1 *Fervoroſo,*
- 2 *Firme,*
- 3 *E Fabricador.*

I **O** *Fervor do animo, & o ferver da agoa parecemſe, em que a agoa na fervura, expede a malignidade ; & o animo no fervor, purifica a virtude, i. ou refina o vicio : este calor , he fogo do inferno, que arde, & naõ luz ; & o outro, he do Empireo, que luz,& naõ arde. Imita V.R.A. em seu fervor ao empenho , com que os Reys seus Ascendentes augmentáraõ a Fé, no zelo das Conquistas; & emendá-*

C ij.

raõ

raõ os vicios , com a execuçāo das leys : porque he certo que o *fervor* desviado do util, he rayo , que primeiro rasga as entranhas da nuvem, onde se forma , do que rompa o monte, sobre que desce.

2 Vassallo com o titulo de Rey he todo o Principe inconstante na palavra : em naõ sendo *Firme* na promessa, he labèo da Magestade. 2. Em todo o Principe he avaliado este defeito , pelo mayor danno de sua reputaçāo; 3. & com mayor justiça em os Reys Lusitanos; porque da satisfaçāo com que El-Rey D. Duarte desempenhava o que prometia , se compoz o adagio : *Palavra de Rey*; 4. & todo o seu Descendente, que naõ sustentar este credito, serà contado em o numero das Aguias,

Aguias , que degeneraõ da nobreza
dos pays. *

Disseraõ os Antigos, que o Prin-
cipe inconstante na palavra , ou era
cego, ou surdo; 5. ou naõ via o que
era , ou naõ ouvia , o que delle se
murmurava ; porque se vira o valor
da estimaçaõ , que lhe deraõ os ho-
mens, conhecera , que os primores
da Magestade , naõ se desempenhaõ
em consultar o que se deve fazer, se-
naõ em perseverar na resoluçaõ de-
terminada : 6. & se ouvira o que
delle se murmurava , soubra , que
os naturaes , & estrangeiros tem a
semelhantes Principes na conta de
joyas falsas , que naõ saõ estimadas
pelo valor, senaõ pelo artificio ; naõ
pelo que enriquecem, sim pelo que
substituem.

3 Seria inutil a creaçāo da terra,
sem a formaçāo do homem. Na
terra creou Deos o alicesse, & no ho-
mem o *Fabricador*, que sobre ella
edificasse o culto devido a Deos, &
a utilidade conveniente aos homens.
Hum Reyno sem Principe que o fa-
brique, he, como seria a terra sem
homem que a cultivasse, a qual nun-
ca passaria da rudeza de monte á
perfeiçāo de mundo.

Os que authorizāraõ a terra, fo-
rão os Príncipes, que a dividirão
em Respublicas para a enriquece-
rem com edificios; assim como fize-
rão a esta Corte de Lisboa, El-Rey
D. Fernando, cercando-a de muros;
& a todo o Reyno El-Rey D.
Diniz, povoando-o de Lugares, &
de varias Fortalezas, que o ornão, &
defen-

defendem. 8. Senhor , o Principe que falta em fabricar seu Reyno, he agricultor, que colhe , & não planta ; o qual em breve tempo desauthoriza a herdade , & a deixa infructuosa.

G

- 1 *Grato,*
- 2 *Generoso,*
- 3 *E Germanado.*

1. **G**astar, ou naõ dispender, he voluntario ; * mas receber , & naõ galardoar , he villania. 1. O Principe sendo ingrato, offende a Deos , desauthoriza a si, & deslustra o Reyno. 2. O agra-

40 Abecedario Real, &
decimento, satisfaz parte do benefi-
cio: 3. & a remuneraō, desobriga
de todo o desempenho, abona a qua-
lidade , & obriga aos animos : da
mesma forte que El-Rey D. Joaō o
Primeiro , com as devidas honras
com que premiou o singular esfor-
ço de D. Pedro de Menezes, primei-
ro Conde de Viana , 4. & El-Rey
D. Sebastião o insigne talēto de João
de Barros. 5. Os Príncipes soberanos,
devem imitar a Deos, que he Senhor
supremo ; o qual, sendolhe devidos
todos os cultos, remunera, como be-
nefício, a observancia de sua Ley a
que estamos obrigados.

Para V.R.A. satisfazer as obri-
gações de agradecido, deve conside-
rar a pessoa , o serviço , & o tempo
em que o comprehendrào ; 6. porque
mal

Regia Instrucçao de Principes. 41
mal poderà igualar o agradecimento, quando não pondere as circunstancias do serviço; 7. & senão puder premiar a todos como deve, aprenda do Sol a grangear os effetos ; enfeitando com a producção das plantas os montes , a quem não enriqueceo com o valor das minas.

2 Generoso he aquelle Principe, que não degenerou de sua Prosápia, 8. conservando em todo o tempo , & fortuna a soberania de sua Alteza : 9. rezão, que obrigou a muitos , a desprezarem a terra de que forão creados ; pela conhecerem esteril, quando deixa de ser cultivada.

Senhor, todos os Reys de Portugal abonàraõ à generosidade de seu animo , imitando a virtude de seus Ascendentes : & para V. R. A.

mo-

mostrar nas obras a que herdou no Sangue , não busque os augmentos por meyos illicitos ; 10. porque se os Reys Lusitanos se aproveitaraõ das offertas, com que em muitas occasioẽs os Hespanhoes rebeldes a seus legitimos Reys se lhe offereceræraõ feudatarios , forão hoje abominados de toda a Europa. Conserve sua regalia em toda a fortuna , 11. como os Senhores Duques de Bragança no tempo da união a Castella. Não se empenhe em accõẽs humildes. 12. Estime em menos a morte, que o descredito; 13. o dānō proprio, que o ganho illicito: como o Infante D. Fernando , querendo antes ficar em cativoiro , que consentir se entregasse Ceuta aos Mouros : 14. Generosa qualidade da Aguiia,

Aguia, que quando não acha preza que lhe encha as garras , perece à fome, por não desluzir as forças, & abater o solar.

3 Se fora obrigação dos Príncipes viverem *Germanados* com seus parentes , seria divida de V.R.A. o confederarse com todos os Príncipes Catholicos , & com muitos inimigos da Igreja ; porque esta excellencia tem o Sol , que não sómente he aparentado com a geração das Aguias , mas tambem com a produçao das Serpentes.

De justiça he V.R.A. obrigado a se *germanar* com os Príncipes Catholicos nas causas de religião; 15. não atropellando as obrigações de fiel , por satisfazer à confederação de aliado : 16. conhecendo , que deve

deve buscar amizade , que sirva de
alivio , & não de pezo a seu Reyno;
17. de credito , & não de vilipendio
a sua Coroa ; porque na sympatia
que tem o Balsamo com o Choupo,
desabona sua virtude ; porq o Chou-
po tem pouco prestimo : & a liança
que a Romeira tem com a Oliveira,
lhe engrandece a Coroa , porque a
Oliveira he symbolo da victoria. 18.

Contra os inimigos da Fé sem-
pre se confederarão os Reys Lusita-
nos , & à sua liança se attribuió o
vencimento ; como se experimen-
tou na batalha das Naves, & do Sa-
lado: 19. No que se verifica, creará
Deos os Reys de Portugal , quaes
outros Signos do Ceo, cuja nature-
za busca o Sol para utilidade de seus
. influxos.

H

- 1 *Habil,*
- 2 *Honesto,*
- 3 *E Honorifico.*

I **F**ora a dita mayor dos Reynos, se os Principes assim como nascem generosos, nasceraõ eruditos: mas esta pensaõ lhe não poderaõ remir os homens, ainda que os eximirão de muitas, com que não dispensou a natureza. I. Se o mesmo fora nascer herdeiro de hum Reyno , que *Habil* para o governar, nem a providencia lhe delineara os dictames,nem os Doutores sagrados lhe explanarão o sentido delles.

46 Abecedario Real, &
elles. 2. Senhor, os Principes saõ
o melhor fruto que produzio o bar-
ro , de que se compoz a Arvore da
geraçao humana ; & nenhum fruto
tem perfeito gosto, sem que o tem-
po o sazone nas arvores.

Medicina universal para todo
o genero de fortunas, he hum Prin-
cipe perfeito : & para que o fossem
seus filhos , os exercitáraõ os Reys
de Portugal em todo o genero de
artes , antes que occupassem o tro-
no : o que se vio mais particular-
mente na creaçao que El-Rey D.
Affonso Henriques deu a seu filho
D. Sancho o Primeiro , El-Rey D.
Manoel a El-Rey D. Joaõ o Ter-
ceiro , & o Senhor Rey D. Joaõ o
Quarto a todos seus Filhos; 3. & se
a disciplina não preceder à obriga-
ção,

ção, serà o Príncipe qual outro lenho, que por falta de Artifice ficou tronco, podendo ser imagem.

2. O Príncipe *Honesto* rouba as vontades, inculcando virtudes. 4. Os costumes mostrão o ser, ou não ser d'á Magestade; 5. & quanto mais o Príncipe tiver de *honesto*, tanto mais logrará de estimação. 6. Muitas virtudes necessitaõ de Chronistas que as louvem; porque o juizo parcial nunca se germanou com o desapaixonado: sómente a *honestidade* vive independente de louvores alhejos, porque ella per si se manifesta. 7. Muitos attribuem a covardia a prudencia com que o Leão se retira do tumulto, para fogir acautelado; mas todos confessão, que o recato de suas lascivias, he o impulso de sua

A desenvoltura do Príncipe es-
curece a estimação da Coroa. 9. A
casca com que a natureza cobre a
medulla das arvores , as defende do
tempo,& as sobe a igualaremse com
os montes: 10. Aos da Mageſtade
assombrou El-Rey D. Joaõ o Pri-
meiro cō a honestidade de sua vida,
& El-Rey D. Sebastião com a pure-
za de seus costumes. 11. Senhor, as
imagēs inculcão , & conservão a ve-
neração nas cortinas com que as co-
brem;& os Príncipes,no recato com
que vivem.

3 *Honorifico para com todos*
he o Sol ; & com utilidade propria;
porque senaõ repartira de sua luz
com as estrellas , naõ o seguirão Af-
tros luminosos. Acredita-se a si
mes-

mesmo , quem ennobrece aos mais,
12. & sem comparaçāo os Princi-
pes ; porque os Signos celestes lo-
grão a preferencia , conforme a no-
breza das partes sobre que domi-
não.

Os Reynos onde falta a estima-
ção, depressa se confundem. 13. Húa
das principaes causas que defendeo,
& augmentou os Senhorios de Por-
tugal, forão as honras , com que es-
timaraõ a seus Heroes El-Rey D.
Joaõ o Primeiro, & o Segundo, D.
Manoel; D. Joaõ o Terceiro , & o
Senhor Rey D. Joaõ o Quarto. 14.
Os animos generosos alimentão-se
com grandes honras ; 15. & as vir-
tudes tem o sequito conforme a es-
timação que os Principes fazem
dos que as exercitão. 16. A milicia,

& as letras apuràrão-se neste Rey-
no do tempo de El-Rey D. Diniz,
que naõ provia nos Bispados , nem
dava Judicaturas a quem não pu-
desse substituir huma cadeira : & de
El-Rey D. Joaõ o Segundo, porque
não dava tença a quem não sabia
pegar em huma lança. 17. Senhor,
a honra que se faz ao indigno , he
coroa de flores agrestes, que pôr fal-
ta de cheiro não atrahe os animos.



I

- 1 *Industriosó,*
- 2 *Incansavel,*
- 3 *E Justificado.*

Arte segue à sabedoria, & a fortuna à ignorancia: 1. rezaõ, porque será mais engrandecido o sogeito, que obrar *Industriosó*, do que afortunado. 2. A natureza, & a arte, ambas saõ generativas; 3. mas com esta vantagem, que a industria da arte melhora a geraçao da natureza: 4. porque as arvores que naturalmente dão só hum genero de fruto, pela industria com que as enxerta a arte, os produzem no mes-

Senhor, a industria he produc-
ção da experientia ; 5. & a arte,
huma industria habitual adquirida
pelos actos da rezão; 6. que por isso
affirmáraõ, valia mais huma diligen-
cia industriosa, do que hum parecer
discreto : 7. mineral , que enrique-
ceo aos Portuguezes na administra-
çao de El-Rey D. Joaõ o Segundo,
& do Senhor Rey D. Joaõ o Quar-
to , & a todo o Palatinado no go-
verno do Senhor Principe Felippe
Wilhelmo, 8. onde venceo por arte
as paixões, & interesses dos animos
illustres , a quem a natureza, como
separados pela origem, os eximio da
independencia : & todo o Principe
que não for industrioso , mal pode-
rá affeiçoir para seu serviço a pe-
dra,

Regia Inst rucçāo de Principes. 53
dra, que de sua natureza he desafei-
çoada, a quem a arte introduz a fór-
ma, que lhe dà o Artifice.

Confiar na fortuna , he desati-
no de nescios; obedecer à natureza,
inclinação de brutos : emendar a
fortuna, & a natureza, he arte Real,
9. que imita nas obras,o que o mun-
do lhe accrescentou na veneração:
pelo que, o Principe *Industrioso*, he
Artifice experto, que faz das pedras
imagēs, & do barro fortalezas.

2 Parece impossivel , mas he
necessario, que os hombros de hum
Principe sejaõ como os de hum
Atlante, que os aplica a sustentar o
pezo de toda huma Monarquia. 10.
Que sejão *incansaveis* no voar as
Aguias, quando todas as mais Aves
se podem tomar a corço ? Que esti-

vesse El-Rey D. Joaõ o Segundo à hora da morte com a candeia em húa mão , & com a penna na outra premiando serviços , 11. quando a todos tão funesta hora os exime do trabalho ? Foi porque os Príncipes , & os subditos , ainda que sejaõ formados do mesmo barro , saõ como os lenhos produzidos da mesma especie , a quem o grão da Lua em que saõ cortados, lhe aumenta, ou diminue a duração , & a fortaleza com que sustentão a obra.

3 A *Justificação* dos actos procede de huma creatura amar , & temer a Deos. 12. A justificação do peccador para com Deos, he magnificencia Divina; 13. & a justificação dos Príncipes para com o mundo, he attributo da Magestade; por que

que esta, assim como as imagens, na justificação das obras merece a veneração do mundo.

Hum Principe justificado na rezão com que procede em suas açãoes, entra victorioso, assim do inimigo injusto, 14. como do successo contrario: Para este buscava disculpa, & para o outro armas El-Rey D. Joaõ o Primeiro , propondo a seus Ministros a justa causa, q̄ tinha para fazer guerra aos Castelhanos; 15. como tambē a occasião opportuna , q̄ o obrigava a receber a batalha de Aljubarrota: 16. em todas as occasioẽs sahio com triunfo; mas quādo lho negasse a fortuna, disculpava-o a justificação do conselho, & da justiça, q̄ semelhantes aos espíritos vitaes animão o corpo, & o defendē dos males. D iiiij Li-

L

- 1 *Livre,*
- 2 *Lembrado,*
- 3 *E Luzido.*

HE demerito das obras
a falta de liberdade.
Donde as operaçõẽs de hum Prin-
cipe subordinado, tem a mesma esti-
maçãõ, que a verdade, com que o re-
logio declara nos golpes o curso, cõ
que o Sol gyra no Ceo , que todos a
attribuem ao cuidado dô relogei-
ro, & não ao curso do Relogio.

Dizia El-Rey D. Joaõ o Segun-
do : *Que era indigno do soberano do=*
minio, aquelle, cuja vontade dependia
do

Regia Instrucçao de Principes. 57
do arbitrio alheyo. 2. E que houvesse Principes , que quizessem participar do natural das pedras,as quaes dotando-as Deos de virtude , perdem pela ineptidão do sogeito , o que lograrião pelo favor da graça.

Senhor , a *Liberdade* dos Principes não consiste só em dominarem as vontades ; senão tambem em soperarem os vicios. 3. Não importa, que sejaõ *livres* por natureza, sendo escravos pela culpa. 4. A subordinação aos conselhos naõ tirava a liberdade, com que El-Rey D. Joaõ o Primeiro discernia os negocios. 5. As cadeas dos peccados saõ a total prizão da Magestade. Que importa á altenaria da Aguia ter livres as azas , se tem ligados os pés ? pois sogeita a liberdade do voo à violencia da prizão.

Em

2 Em todos he a memoria deposito da sciencia, & a de réynar tem na memoria toda a sabedoria.
6. O Principe, que viver esquecido do prestimo de seus vassallos , serà no provimento dos lugares , como os cegos no receber das esmolas, que naõ devizaõ os mtaes das moedas que recebem.

Lembre=se , Senhor , daquelles que o servirem, & dos que não tiver ocupado ; destes, para a experien-
cia, & dos outros, para a estimaçāo. Não fie tudo da memoria , tenha como El-Rey D. Joaõ o Segundo , & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto hum livro, onde assine os nomes dos Sōgeitos , conforme o prestimo de seus talentos, reputaçāo, & nobreza de suas Familias ; 8. porque se não dā

dà maior rezão , para que as arvores sejaõ estimadas pelos frutos , & não os frutos pelas arvores.

3. Com dobrada luz doura o Sol os montes, do que os valles. O *luzimento* he ornato da Magestade, 9. que lhes distingue a alteza da gerarquia , assim como a luz do Sol a altura dos mōtes. Debaixo de qualquer vestido pôde resplandecer a piedade , 10. mas não a soberania : 11. porque da elegancia das cores se compoem o agradavel, & sobre-excellente da pintura.

Senhor , a demasiada carga faz empacho à ligereza do navio ; & o muito fausto faz menos possante a Magestade. 12. O muito Sol esteriliza a terra ; & o muito luzimento empobrece o Reyno. 13. O campo mais

mais custoso na cultura , he menos
rendoso na colheita. Os Principes
não se devem ornar por vaidade ;
sim, para veneração: 14. como sem-
pre se trajáraõ os Reys Lusitanos ,
sendo no commum custosos , & no
particular decentes. 15. Em todos
inculca a modestia do traje a fer-
mosura da consciencia ; 16. & nos
Principes he a nimia curiosidade
dos vestidos, como no Pavão a fan-
tastica ostentação das pennas , por
onde o julgaõ menos util , ainda
quando mais pomposo.



M

- 1 *Misericordioso,*
- 2 *Memoravel,*
- 3 *E Moderado.*

I Todas as virtudes reconhecem superioridade na *Misericordia*, 1. quando as não enfeita o artificio,* nem as fomentaõ os respeitos. 2. Ser injusto com o pretexto de *Misericordioso*, não he compaixão, he malevolencia; assim como o ser justiçoso sem piedade, he crueza, & não justiça. 3. A comiseração nos Príncipes desanexa da severidade; 4. he esinalte, que separado do ouro he vidro, por natureza fragil.

O ri-

O rigor dos Principes intimida a huns, 5. & a misericordia emenda a outros. 6. A compaixão exaspera os protervos, * & confunde aos arrependidos. E todo o Príncipe, que não souber usar de hum , & outro attributo, conforme a gravidade das culpas , & qualidade das pessoas , arrisca-se à cair na demencia , com que alguns intentarão extinguir o fogo , augmentandolle a materia.

Senhor , em todos he necessaria a misericordia , & com especialidade nos Principes ; 7. esta virtude, augmenta os quilates da estimação: 8. com ella resplandecerão as obras de El-Rey D. Joaõ o Primeiro , favorecendo os mesmos que o impugnavão; 9. & as do Senhor Princi-

Regia Instrucçao de Principes. 63
pe Eleitor Felippe Wilhelmo , dispensando no rigor de muitas leys; ainda contra os foros da Magestade; 10. a qual, despida da clemencia, he diamante bruto, que pòde ferir como pedra , & não brilhar como diamante.

2 Os espiritos generosos obrão de maneira , que não perdem o nome, faltandolhes a vida. 11. Os Heróes desprezão os perigos , para se immortalizarem na memoria das gentes : 12. viver para morrer , he de todos; mas viver para nunca acabar, he de Principes , a quem a nobreza do espirito anima a excederem os termos da natureza , nas vozes da fama com que ficão *memoráveis*: qual outro Rey D. Joaõ o Primeiro chamado *o da boa memoria*, pelas

pelas heroicas acçõeſ de ſua vida; as
quaes , o perpetuàraõ como Feniz
nas cinzas, ein que todos ſe resol-
vem como homens.

Senhor, a ambição de fama , he
virtude, & naõ vicio; he bem com-
mum, ainda que ſeja gloria particu-
lar. 13. Debilitarſe hião as forças, ſe
naõ viſſem *memoraveis* as proezas
dos homens. 14. E por obrigaçaõ
incumbę a V.R.A. obrar para nun-
ca morrer, por descendantē de Reys
tão perpetuados na memoria dos
vassallos , pela bondade de ſeu go-
verno ; & na de todo o mundo , pe-
los progressos de suas armas: & per-
derà a estimaçaõ de ſeu descendantē
o Principe , cuja vida naõ servir de
norte , que moſtre o caminho , por
onde todos podem navegar com bo-
nança.

Todo

3 Todo o excesso he nocivo ,
ou inutil: 15. inutil, para a conser-
vaçāo ; 16. & nocivo , para a con-
ſciencia, 17 . por fer pregaō da in-
temperança, 18. & primogenito da
vangleria. 19. *Moderado* nos pre-
mios , 20. nos castigos , 21. & na
propria Mageſtade, 22. he todo o
Principe, que fugindo aos extremos,
ſe regula pela theorica , com que o
Artifice ſe livra dos excessos , que
lhe podem desautorizar a obra, or-
ganizando com medida as correſ-
pondencias do corpo , a que deſeja
dar elegante fórmā , & natural vi-
veza ; porque fazendo o contrario,
ſicaria a cabeça alheia de tal corpo,
& este neceſſitando de outra ca-
beça.

Senhor , a immoderaçāo de EL-

Rey D. Sancho Capello , & de El-
 Rey D. Fernando he documento ,
 para coarctar as superfluidades , em
 que os Principes descifraõ o abono
 de sua magnificencia,dandolhe a co-
 nhecer , que a *moderação* dos Prin-
 cipes, he como a producção do Sol,
 que enriquece a todo o mundo , &
 faz estimada a virtude de suas in-
 fluencias, naõ favorecendo só a hum
 Reyno , nem empenhando no gyro
 de seu Imperio toda a actividade de
 sua potencia.



N

- 1 *Noticioso,*
- 2 *Necessario,*
- 3 *E Nacional.*

1 **N**Aõ voaõ as Aves sem azas, nem o juizo sem noticias; 1. estas, saõ as azas de que se val o discurso, na falta das experien- cias. 2. Os livros saõ as fontes, por onde se cõmunicã o Oceano de sua multidão : & o Principe , que naõ bebeo nestas agoas , foi como o Pi- loto costumado a navegar junto à terra , que perde o rumo vendo-se engolfado.

As noticias alcanção-se pela li-
E ij ção

çaõ , ou pelas intelligencias politicas: estas experimêtarão algūs Principes, mais esponjas , do que fontes; & todos acharão na liçaõ guia para seus discursos ; 3. porque fallaõ sem lisonja, ensinaõ sem interesse, & em huma só folha offerecem os frutos que naõ poderaõ colher as mãos de muitos Heroes : sendo os livros mappas; que debuxaõ em breve espaço , o que se naõ pôde comprehender em toda a vida.

Senhor , a liçaõ dós livros concernentes ao bom governo , & sem nimia applicaçã que estorve o despacho dos negocios , 4. como della usavaõ os Reys D.Diniz,D.Duarte, D. Affonso o Quinto, & D. Joaõ o Segundo , he voz de Deos, 5. pelas virtudes que ensinaõ , & pelos vicios

que

que reprimem; & quem não perceber a voz, mal entenderá a palavra.

2. Necessário, & não superfluo, deve ser o Príncipe em sua assistência. A facilidade diminue a estimação; 6. & o respeito a aumenta. A presença dos Príncipes deve imitar a assistência do Sol, que repartindo as importâncias de seus influxos pela diversidade dos tempos de que se compoem o anno, hūs mezes se avezinha, outros se aparta; hūs se humana, & outros se entroniza.

O ser Príncipe de hum Reyno, val o mesmo que ser Pay de húa Familia; 7. & o pay facilitando-se no trato, que respeito pôde influir nos filhos? A terra assiste com a substancia, em quanto não sazona os frutos; mas depois reconcentra a virtude,

70 Abecedario Real, &
com que faz mais fertil sua produc-
çāo.

Senhor, a facilidade com que os Reys antigos de Portugal se deixavaõ comunicar dos vassallos, principalmente El-Rey D. Pedro o Justicoso, 8. naõ desmiercia de sua Magestade, nem occasionava despezos ao seu culto ; porque as vezes que o acompanhavão festival , eraõ menos das que o experimentavaõ severo ; & he regra observada na arte da pintura , usar das sombras para realçar os claros.

3 Obediente aos influxos dos climas , produz a terra a substancia dos frutos. *Nacional* , & naõ estranho aos costumes da Naçāo , se ha de mostrar o Principe , natural de seu Reyno. 9. Os manjares em naõ sendo

Regia Instrucçāo de Principes. 71
sendo accōmodados com o natural
das compreīçoēs, enfastiaō, & causaō
enfermidades : Da mesma sorte suc-
cede na introducçāo de costumes no-
vos , na reprovaō dos inveterados,
10. que se criāraō cō a Naçāo, pelos
quaes se distingue, & singulariza dos
mais Reynos , sem encontrar a de-
cencia , & honestidade Catholica ,
observancia civil , & gravidade *Na=*
cional : a estes sustentāraō os Reys
Lusitanos, & com mais cuidado D.
Pedro o Justiçoso , D. Affonso o
Quinto, D. Joaō o Segundo, & o Se-
nhor Rey D. Joaō o Quarto , assim
em o natural da fraze , como no
molde dos vestidos. 11. Os costu-
mes decentes , adulterados de hum
Principe noveleiro, ameaçaō a Re-
publica com a mesma morte que

E.iiij padc-

padece a Vibora no parto de seus filhos , os quaes lhe rasgaõ as entranhas, como desprezando a habitaçao que lhes deu o ser. *

V.R.A. observe os inveterados trages, & costumes , a cujos peitos se nutriraõ seus vassallos ; & desterrre os abusos introduzidos na estimaçao de algüs Principes , que galanteando o corpo, afeàraõ o espirito, 12. que veneraraõ por entêdido ao malicioso, 13. por limpeza a superfluidade, 14. por entretenido ao vicioso, 15. por experimentado ao envelheccido, 16. & por magnificencia de Senhor,a dominaçao do criado: 17. para se livrar da ignorancia, que obriga a muitos a porem luzes diante dos cegos;a practicarem com surdos , & a se aconselharem com ignorantes. 18.

Occu-

O

- 1 Occupado,
- 2 Orgulhoſo,
- 3 E Ouvinte.

MAIOR danno recebe o edificio , da ociosidade do Artifice , que da preguiça do official: Da mesma sorte o experimentaõ os Reynos no ocio dos Principes , que no luxo dos vassallos. 1. A corrupção das aguas, não procede das fontes correrem com menos abundancia, procede sim, do amortecido influxo com que o mar as fomenta.

Entorpece as forças , abate a Ma-

Magestade, & escurece a fama, hum
Principe ocioso ; porque a falta do
exercicio lhe diminue a memoria,
retarda os despachos , desanima a
virtude, & favorece os vicios: 2. ef-
feitos tudo do ocio de hum Prin-
cipe, a quem a Magestade descuida;
devendo ser despertador , que nas
horas do descanso lhe lembre os
encargos da soberania.

Senhor , os Serenissimos Reys
de Portugal, assim desprezaraõ a o-
ciosidade , que vivendo em pacifica
paz El-Rey D.Sancho o Primeiro,
D.Affonso o Segundo, & D.Joaõ o
Primeiro , naõ sofrendo seus belli-
cosos animos o viverem ociosos,bus-
caraõ entre os Mouros novas con-
quistas. 3. He obrigaçao das Ma-
gestades emprenderem acçoẽs glo-
riosas,

Regia Instrucçāo de Principes. 75
riosas , onde occupem as forças , &
authorizem os Reynos: 4. & o ani-
mo de V. R. A. não he dirivado de
Narciso , que se vio retratado nas
aguas ociosas , & lisongeiras ; he
descendente de Marte , & por esta
rezaõ obrigado a se dar a conhecer
na disciplina militar , cujas aguas
correm furiosas , & turbas.

2 Não excederia em suas obras
a natureza à pintura , se a imagem
que esta pinta , igualàra na viveza
ao original , que retrata. O *Orgu=*
lhoso do animo procede da viveza do
espirito; & o de hum Principe, que
deseja augmentarse na estimaçāo ,
ha de singularizarse na esperteza: 5.
porque a prata sendo metal precio-
so, naõ ficàra sobredourada , se lhe
faltàra o azougue cō que a dispoem
o Artifice.

Todos

Todos desprezariaõ os perigos do mar , se naõ fora turbulento ; como tambem a voracidade do fogo, se nunca o vissem ateado. O animo Orgulhoſo do Principe he originado da altiveza , com que preza a Mag-
estade : 6. com elle se faz temido, quando naõ excede ao que pôde , nem atropella o que deve; 7. quando o patrocina a rezaõ , & o move a utilidade commua. 8. O mar , sen-
do manancial das aguas , altera seus augmentos , obediente aos influxos da Lua ; & o fogo, Principe dos ele-
mentos, intensa a chamma, medido pela qualidade da materia.

Senhor , o Orgulhoſo animo de El-Rey D. Joaõ o Segundo , o fez taõ respeitado do Christianissimo Rey de França Carlos Oitavo, que

ten-

tendo-o da sua parte , dizia este , o
não intimidava a potencia dos mais :
9. o mesmo motivo obrigou aos
Hespanhoes rebelados contra o Em-
perador Carlos Quinto, a offerecerem
a El-Rey D. Manoel os Reynos
de Castella, Leaõ , & Toledo : 10.
acomodando-se o orgulho dos Prin-
cipes com a valia das pedras , que
saõ mais, ou menos buscadas , con-
forme a mayor , ou menor estima-
ção que se lhe dà no mundo.

3 Os ouvidos saõ as portas ;
que sempre devem ter abertas os
Príncipes a todo o genero de re-
querentes. Ouvir, & naõ fallar, he
de quem deseja saber ; & a necessi-
dade que os Príncipes tem da appli-
caõ deste estudo , lhe augmenta o
numero dos ministros, multiplican-
dolhe

78 *Abecedario Real, &*
dolhe nelles as potencias de ver , &
ouvir: 11. porque os Principes, qual
outro mar , enriquecem o centro
com a vazante dos ríos , que dividì-
raõ em braços.

A palavra de Deos conforta,
& enriquece a todos os que a ou-
vem, 12. dispondo-os para os acer-
tos, 13. & sequito da verdade. 14.
Iguaes interesses recebem as opera-
çoẽs politicas da audiencia dos sub-
ditos. 15. Resolver o pleito sem ou-
vir as partes , he rasgar a veya sem
tomar primeiro o pulso ; tão peri-
goso à conservaçao da saude , como
fallivel em comunicar o remedio.

Applique-se V. R. A. a Ouvir
a todos, & a naõ responder a tudo :
ouça mais, & falle menos: 16. por-
que as aves intimidaõ-se com as vo-
zes

zes da Aguiia, porque a ouvem poucas vezes. 17. Ouça sem paixaō, nem affecto, 18. não se levando das primeiras informaçōes ; porque sendo poucas as vezes que El-Rey D. Pedro o Justiçoso assentio a ellas , lhe deslustrou a justiça. 19. Não despreze a verdade , pela ouvir da boca de hum vicioso , ou desprezivel; 20. porque as abelhas tiraõ o mel da Rosā , sem embargo dos espinhos : & serà contado entre os nescios aquelle, que desestimar a téla, pela ver envolta em hum panno grosseiro.



P

- 1 Parco,
- 2 Proveitoso,
- 3 E Pacato.

I PArco entre abundancias,
 & regalos , he virtude ,
 em que se haõ de exercitar os Prin-
 cipes, para conservarem o juizo , 1.
 & reputaçao : 2.. o vestido , & o su-
 stento , hão de ser medidos com o
 estado, & necessidade da pessoa ; 3.
 donde no Principe,naõ se reprova a
 opulencia, mas si o luxo; naõ o que
 se concede ao util , só o que satisfaz
 ao delicioso. 4. Da Rosa carecer de
 espinhos na raiz , que lhe serve de
 boca,

Regia Instrucçāo de Principes. § 1
boca , notáraõ algūs a semrezaõ de
secoroar Rainha. 5.

Senhor , a parsimonia he māy da
saude , 6. & alimento do espirito ;
7. & a voracidade, origem de todos
os males , porque fonte dos vicios.
8. A diversidade de manjares cria
variedade de estimulos contra a li-
berdade das potencias. 9. Os timo-
ratos comem para viver ; & os dis-
solutos, vivem para comer. 10. Ne-
nhum dos Ascendentes, & Progeni-
tores de V. R. A. entrou na multi-
daõ dos que ignoràraõ os lucros da
temperança; 11. todos se enrique-
ceraõ com elles, 12. seguindo a theo-
rica de El-Rey D. Joaõ o Primeiro,
em cujo Palacio superabundava o
necessario, & se prohibia o super-
fluo ; 13. porque só o insensivel

F

per-

82 *Abecedario Real, &*
perde , qual outra tocha , a luz que
o acredita, com a sobejidão da cera
que o gasta.

2 *Proveitosos* em todo o movi-
mento de seu curso saõ os Planetas,
para a conservaçāo do Orbe: elles o
dominaõ , & por dominantes obri-
gados a enriquecerem-no. As ope-
raçoẽs de hum Principe inuteis ao
Reyno , naõ he occupaçāo , he o-
ciosidade ; não he zelo , he desaten-
çāo ; 14. porque lhe falta o util a
que se dirigem os empenhos ; prin-
cipalmente os de hum Principe, que
semelhante ao mar, não deve despe-
dir onda , que naõ seja a fim de lu-
crar na ressaca, mais do que gastou
na conquista.

Senhor, o Principe que for inutil
para os subditos , naõ pôde ser pro-
veitoso

veitoso para si. 15. Buscar a utilidade, não encontra a magnificencia; 16. sim , quando he indecorosa , & injusta: 17. que nos mais termos, o proveito commum precede a todo o privilegio particular. 18. Dispensa como Rey,& negoceia como procurador, que o naõ he menos do lucro de seus vassallos, do que Senhor das suas vidas , & fazendas. Assim como ha de ter inclinaçao para dispender , tenha tambem astucia para adquirir: como os Reys D. Pedro o Justiçoso, D. Joaõ o Segundo , & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto: 19. porque o Sol creador das minas , cõ o mesmo calor com que gera o ouro,atrahe a si os vapores da terra.

3 *Pacato em ouvir, & orgulhoso em resolver,saõ attributos de hum*

F ij ani-

animo Real , semelhante à terra ex-
posta às inclemencias do anno , por
naõ faltar a seu tempo com os fru-
tos. Se a terra com qualquer chuva
se vestira , & o mar com qualquer
vento se inquietara , esvaecera-se o
cuidado da terra com os ardores do
Sol; & fizera-se innavegavel o mar,
alterando-se com toda a diferença
de ventos.

Na pacacidade com que os Prin-
cipes se portaõ nos successos , abo-
não os quilates de sua generosidade,
20. & prometem duraçāo, & vigor
em suas determinaçōes; porque mais
se perpetúa o fogo no lenho , a que
se ateou vagaroso , do que na pol-
vora , em que pegou repentina : &
naõ saõ duraveis , nem perigosos os
terremotos, procedidos do ar que a
terra

Regia Instrucçao de Principes. 85
terra reteve breves horas, senaõ da-
quelle , que entranhou por largos
annos.

Senhor, a pacacidade do animo,
faõ esp̄eras da prudencia , conforto
do valor , exame da justiça , arrimo
dos acertos , & desafogo do irasci-
vel. 21. Se o Senhor Rey D. Joaõ o
Quarto assentira aos primeiros avi-
fos, com que os grandes de seu Rey-
no o chamavaõ para o devido tro-
no , naõ fora taõ bem sortida sua
gloriosa acclamaçao. A falta de pa-
cacidade nos animos , he o mesimo
que a limitaçao de fundo nos rios ;
que esprayando-se com qualquer
enchente de aguas , arruinaõ mais
do que aproveitaõ.

Q

- 1 Quieto,
- 2 bem Quisto,
- 3 E Quotidiano.

DE todos os elementos, o mais util na actividade, & orgulho, he a terra; porque só a fim de que as criaturas vivaõ pacificas com a abundancia de seus frutos, empenha as forças. Estimado serà igualmente entre os Monarcas aquelle Principe, cuja industria, & trabalho se encaminhe à paz, & quietaçaõ de seu Reyno. 1. Nenhum contagio he mais pernicioso à Republica, como a divisaõ das

von-

vontades; & nenhuma felicidade tão proveitosa como a união dellas ; 2. porque mal pôde descançar a cabeça, inquietos os humores.

Os victoriosos desejaõ a paz, 3. reconhecendo por mais segura a quietação duravel , que a batalha contingente; 4. porque nesta arriscaõ em huma só hora a reputação que ganharaõ em muitos annos. 5. O tempo da guerra , he destruição das leys, 6. & por esta causa disselão , que com o lume da paz se alunava a Igreja. 7. Pelo que, o Príncipe Quieto he o mais amante , & anado de Deos; 8. porque na quietação das aguas se retrata ao vivo a imagem do Sol.

V. R. A. fomento os desenhos de sua politica, a conservar seu povo
F iiiij quie-

88 : *Abecedario Real, &*
quieto, & sossegado: naõ confiando
tanto da paz, que deixe de preparar-
se para a guerra , 9. circunspecçao
observada de El-Rey D. João o Pri-
meiro , continuando em seus presi-
dios o exercicio militar , quando
mais pacifico com Hespanha ; 10.
ponderando ser cõ desigualdade uti-
lissima ao Principe a peleja, q o une
cõ Deos,do q a paz,que o desvia: 11.
esta , he a confederaçao com os vi-
cios; aquella , a guerra contra elles:
12. & naõ seria pequena disgraca a
do fisico , que empenhado na saude
alhea, se descuida da propria.

2 *Bem Quisto* entre os vassallos
deve viver o Príncipe, com repu-
nçaõ taõ vigorosa em todos os actos
de sua presidencia, como o ouro em
todas as obras donde apparece A
opi-

opiniaõ commua tem forças de ley:
13. & a rudeza do povo, mais se go-
verna pela opiniaõ , que pela reali-
dade: 14. esta, aproveita entre os do-
mesticos; & aquella , para com to-
dos. 15. A reputaçaõ augmenta o
dominio dos Principes ; 16. rezão,
por onde intimida mais que a ver-
dade. 17. As garras do Leão, con-
forme a opiniaõ do vulgo , não tem
resistencia ; mas examinadas na pe-
leja, muitos lhas cortàraõ.

V.R.A. não encarregue a con-
sciencia para se bemquistar com o
povo; 18. porque muitos se perdè-
rão por este caminho; 19. hum del-
les , foi o governo del-Rey D. Fer-
nando, que para agenciar vontades,
gastou desordenadamente os the-
souros. 20. Perde com os bens a
alma,

Abecedario Real, &
alma, quem faz esmolas , & naõ sa-
tisfaz as dívidas.

3 *Quotidiano* o Principe no
exercicio das virtudes , descobre o
natural que as incita , & desvanece
a cavilaçāo, com que as podia con-
trafazer. 21. Naõ luz em todo o
tempo o ferro, sómente quando tra-
balha tem lustre, naõ o tem por na-
tureza, causa, por onde naõ he *quo=*
tidiano.

V.R. A. prèze sempre a imita-
ção de seus Ascendentes, El-Rey D.
Pedro o Justiçoso , 22. & outros
muitos *quotidianos* em darem a co-
nhecer todos os dias , em todos os
actos de religiaõ, justiça , piedade,
magnificencia, & amor, o precioso,
& nativo de seu zelo , & magnani-
midade : como o Sol , que nem fal-

Regia Instrucção de Príncipes. 91
ta, nem espera que o obriguem a
formar os dias; porque os actos da
Magestade interpolados com os do
luxo são frutos lezos entre os perfei-
tos, que maculaõ a especie, & de-
fraudão o tronco.

R

- 1 *Reformado,*
- 2 *Reportado,*
- 3 *E Reverente.*

IAS Aguias para ensina-
rem a voar os filhos,
primeiro os incitão com o proprio
voo: não ha ensino sem exemplo;
nem *reforma* nos vassallos, faltan-
do esta nos Príncipes: 1. o exemplo
do

do Monarca, excede a todo o vigor da ley: 2. se a reformaçāo dos vicios dependēra só dos ameaços da morte, já naõ haveria no mundo criminosos: 3. a falta do exemplo nos reformadores, faz com que os vassallos tenhaõ o rigor da ley na conta, que os mareantes tem os baxos do mar, que naõ achaõ advertidos na Carta que lhos mostra, os quaes observam sem novidade, porq nas primeiras aguas desfazem o cumulo, & franqueam a viagem.

Senhor, os vassallos nas reformas, usam o mesmo que os Mathematicos em suas observaçōes; os quaes naõ só calculam a natureza, & aspecto do Planeta que domina, senaõ tambem a conformidade, ou desunião da dignidade, que o acompanha:

panha: assim na Real pessoa, como na de seus domesticos, ha de apparecer o exemplo, para desvanecer as confianças, & coarctar as murmurações do povo. 4. Nam se valiam da grandeza, nem esperavam da piedade os dissolutos, em tempo de El-Rey D.Diniz,& D.Pedro o Justicoso, porque viam nos Principes o exemplo, & nos domesticos delinquentes o castigo: 5. & se a opinião dos Principes se regula pelos procedimentos dos vassallos; mal podem os medicos evitar as difluxoēs da cabeça, sem primeiro temperar as cruezas do estomago.

2 Reportado nas palavras, he o Principe magestofo nas obras. 6. A lingua naõ ha de falsear o entendimento, 7. nem exceder as forças; 8.
naõ

94 *Abecedario Real, &*
naõ deve adiantarse ao braço , por-
que deslustra o poder na falta da
promessa ; 9. nem ha de exagerar o
que intenta, nem o que obra. 10. As
palavras haõ-se de pezar, primeiro
que se pronunciem, 11. & conside-
rarem-se de espaço, as que se hão de
dizer em breve tempo ; 12. porque
proferida a palavra, não retrocede
airosa; 13. & com mayor discredito
a dos Principes , que semelhante às
garras da Aguia, perdem a generosi-
dade, quando naõ sustentão o pezo.

Senhor , fallar ainda que verda-
de, diante de quē lhe não val o nego-
cio, não he preciso , nem he seguro:
14. não he preciso , porque lhe não
importa : não he seguro , porque o
pôde revelar : & se as palavras de-
claraõ o animo, 15. o dos Principes
goza

goza a veneraçāo pelo que sup-
poem de mysterio. 16. Ha occasiaõ
em que o não fallar, he eloquencia ;
& tempo, em q̄ o fallar pouco he lo-
quacidade ; & nenhum , em que o
dizer tudo seja conveniente: 17. sen-
tença , em que El-Rey D. João o
Primeiro, & o Senhor Rey D. Joaõ
o Quarto fundàraõ as felicidades de
suas emprezas; 18. porque as de hū
Principe (semelhantes ao tiro da
peça) formão o estrondo , depois
que empregaõ a bala.

3 Igualmente ornou Deos o fir-
mamento do Ceo, que o de sua Igre-
ja : no do Ceo collocou o Sol, que
presidisse ao dia , & a Lua à noite :
no de sua Igreja constituiõ ao Sum-
mo Pontifice , Sol, que governasse
a luz do espirito; & ao Principe Ca-
tholico,

tholico, Lua, que regesse as sombras
do governo temporal. 19. A Lua,
recebe do Sol a claridade; & o Prin-
cipe, da mão do Summo Pontifice
os poderes: 20. este, como Vigario
de Christo, he Senhor de huma , &
outra espada : da Ecclesiastica, com
izenção; & da secular, com respeito,
porque dimitio de si o uso della, 21.
para em tudo se mostrar piedoso, &
sobre todos eminent : em tudo
Sol, que cōmetendo a Jupiter a ex-
pedição dos rayos , reservou para si
o dominio sobre a jurisdição de Ju-
piter.

V.R.A. humilhe seu poder a taõ
alta dignidade, para não experimen-
tar os golpes, que a espada de S. Pe-
dro descarregou sobre este Reyno
nos tempos de El-Rey D. Sancho o

Capello , & D. Affonso o Terceiro presunidos, de que a sua espada podia resistir aos golpes Pôtificios: 22. que sempre os Príncipes nestes casos, quaes outras Aguias , aspirando a transcender a propria esfera , consumem as azas no fogo , & nelle abrazão o espirito.

Dos Ecclesiasticos faça V.R.A. a reverencia , com que sempre os prezàraõ quasi todos seus Ascendentes , como deve hum Príncipe Catolico, 23. reverente aos respeitos consagrados à familia de Deos : 24. que se El-Rey D.Pedro o Justiçoso sentio tanto descomporemllie hum Porteiro , que mandou tirar a vida ao delinquente; 25. os ministros de Deos naõ tem menos authoridade, que os officiaes dos Príncipes : nem

Deos zela menos a reverencia de seus familiares , que os Principes o respeito de seus ministros. 26. Senhor, as semrezoēs , que os familiares de El-Rey D. Sancho o Capello usāraō com os Ecclesiasticos,tiveraō por castigo o miseravel estado em que se poz este Reyno, & a que chegou aquelle Principe. 27. Mostra que naō respeita o Juiz , quem lhe agrava a familia , que devia tomar por aderencia.

Reverente a seus progenitores he aquelle filho , que deseja a bençāo, & naō a maldiçaō de Deos : & os Principes com dobrados respeitos ; porque muitos vassallos naō devem a estimação , a quem lhe deu o ser : & os Principes devem a seus Progenitores o Ser , a Alteza , & a

Co-

Coroa : & quanto mayor he a herança, tanto deve ser mayor a gratificação no herdeiro. Muitos faõ os Principes Lusitanos, de quem V.R. A. pôde aprender o desempenho de tão grande divida : entre todos lhe servirão de exemplo os Reys Dom Sancho o Primeiro, & D. João o Segundo , quando Principes já adulados; q̄ temião como vassallos, & amavão como obedientes filhos a seus Reaes Progenitores. 28. Os garfos desprezando a natureza que receberão das arvores , melhorão muitas vezes o ser ; mas nunca os das arvores Reaes , porque sempre degenerão de sua Real Ascendencia.

S.

- 1 Sabio,
- 2 Sofrido,
- 3 E Secreto.

1 **D**Os graos do sabor, recebem as iguarias o da estimaçāo : como tambem da mayor , ou menor sabedoria dos Principes, o mayor , ou menor valor da purpura : sem ella , nenhum Cetro pōde luzir no trono, 1. pelos enganos a que vive sogeita a inscienzia : 2. nem a Republica socegada , pelas dissençoēs que causa nas potencias a falta do juizo que as governa. 3. A luz da sabedoria não resplandece sem

Regia Instrucçāo de Principes. 101
sem as noticias das sciencias: as im-
portantes ao governo servem às Al-
tezas, que as cultivão quando Prin-
cipes, da mesma utilidade, que o pro-
vimento dos celeiros, a quem os pre-
para para o anno da fome, que se li-
vra de necessitar do alheyo , porque
anticipou o remedio. 4.

Hum Principe *Sabio* he Piloto
experto , que navega com todo o
vento. 5. Na prosperidade os nef-
cios correm praça de entendidos; &
os humildes gozão os foros de illu-
stres: mas na fortuna adversa,todos
perdem a estimaçāo , porém nunca
o *Sabio* a precedencia, 6. porque em
toda a parte domina. 7. As scien-
cias saõ o Piloto do bom governo:
não o ignorárão os Reys D. Diniz,
D.Duarte, D.Affonso o Quinto,D.

G iij Joaõ

Joaõ o Segundo,& D. Manoel; 8. &
mal poderà governar o lème, quem
nunca aprendeo a nautica.

V.R.A. applique-se às sciencias,
em que occuparaõ o tempo os In-
fantes D. Pedro irmão de El-Rey
D.Duarte,D.Henrique,&D.Luis ir-
maõ de El-Rey D.Joaõ o Terceiro,
& o Principe D.Theodosio. 9. Ao
mesmo ouro, q̄ he Principe dos me-
taes, ornaõ os esmaltes,symbolo das
sciencias. 10. Se V.R.A. for *Sabio*,es-
timará os *Sabios*, como El-Rey D.
Joaõ o Primeiro, D.Duarte, D.Af-
fonso o Quinto, D. Manoel , & D.
Sebastião. 11. Sómente os que não
tem vista aborrecem a luz ; ou por-
que lhes agrava a cegueira, ou por-
que nascerão para nunca melhora-
rem de vista.

2. Mostra o mar o dilatado bojo
de seu elemento , em receber as en-
chentes, & não passar os limites. O
sofrimento, he especie da fortaleza,
12. & esperas da prudencia , para a
seu tempo punir as culpas. 13. O
mayor perigo dos males,he naõ po-
der o afflito soportalos. 14. A im-
paciencia deslustra o poder, 15. por-
que o destitue da mayor gloria, que
he o sofrimento em quem pôde vin-
gar o aggravo. 16. Tratar bem aos
bons,he correspondencia;& ser bom
para os que saõ māos, he virtude re-
gia, porque a mais perfeita, 17. quā-
do naõ prejudica ao bem commum.
18. A nobreza da Magestade , he
opposta à vilania do ferro , que se
abraza em todo o fogo , & corres-
ponde com faiscas a todo o golpe.

V.R.A. agradeça a Deos as molestias, como beneficios; 19. porque tantas settas entranharà em seus contrarios, quantos os louvores que por ellas der ao Altissimo. 20. Com os dissabores se lembraõ os Principes de que saõ mortaes ; & gozão as honras do mundo com os descontos, que nelle tem os predestinados. 21. A constancia , com que El-Rey D. Sancho o Primeiro soportou as calamidades , lhe apurou a pacencia; 22. & aos Infantes D.Fernando, & D. Duarte, beatificou as vidas. 23. Os espinhos com que vive a Rosa, lhe intensaõ a fragrancia , & avivaõ a purpura. 24.

3 Ouvir para revelar , he enter-tenimento de quem practica,& naõ capacidade de quem governa ; 25. que

Regia Instrucçāo de Principes. 105
que deve ser semelhante à Abelha,
a qual cōmunicā em segredo a sub-
stancia , que colheo das flores. V.
R.A. ouça , & observe ; communi-
que , sem declarar quem lhe deu a
noticia , para facilitar o zeloso , &
naō acautelar o inconfidente : pon-
derando, que o mar no segredo dos
influxos com que move as aguas
mostra formidavel o governo de
suas ondas.



Tra=

T

1 Tratavel,

2 Timorato;

3 E Temido :

DE pouca, ou nenhuma utilidade seria para o mundo a producção das fontes , se fora intratavel a fluxão de sua corrente: Da mesma sorte a publicidade dos Príncipes , que pela izençāo do trato fazem inutil o prestimo de seu talento. 1. A vida solitaria , he profissão dos que renuncião o mundo, & naõ dos que o governaõ. Esconde-se o Sol quando desampara o Orizonte,& deixa-se aplaudir quando lhe preside.

V.

V.R.A. trate com aquelles que o podem aconselhar , & servir , 2. naõ se inclinando a inuteis , & facinorosos , para livrarse da opinião commua , que regula os procedimentos da pessoa pelos da companhia : devida as classes de seu valimento, pela qualidade , & prestimo dos que lhe assistem ; como fizeraõ os Reys D.Sancho o Primeiro , D. Duarte,D.Manoel,& o Senhor Rey D.João o Quarto : que se a presençā do Sol se deixāra igualmente comprehender dos rusticos,que dos sabios, nāo fora estimada a ſciencia de seus contemplativos.

2 O navio,em toda a parte aonde lhe falta a ancora , se vê em perigo : como tambem a consciencia , perdendo o temor de Deos, .3. ancora

cora 4. com que a embarcação da vida persiste na virtude do conhecimento proprio, sem o qual, fluctua nas inundações do esquecimento, seguindo a corrente da vaidade. 5. Teme a Deos, quem o ama: 6. & o caminho da virtude , principia pelo do temor: 7. & se a dignidade tāto ha de opprimir no intrinseco , quanto domina no externo ; 8. considerem os Príncipes , o quanto devem temer , para chegarem a amar. Naõ se qualifica o amor dos homens para com Deos nos effeitos , por onde o mundo julga o amor dos homens para com o mundo: para com este, os que mais o amão, saõ os que menos o temem; & para com Deos, os que mais o temem, saõ os que mais o amão.

Para V. R. A. temer a Deos como deve, ha primeiro de conhecer o quanto deve a Deos : 9. Este, o creou Catholico , descendente dos maiores Monarcas,& defensores da Igreja, que teve , & tem o mundo : Filho das Magestades mais religiosas, illustres, Prudentes , & caritativas : Deos o creou Principe , para depois o coroar Rey de huma Nação a mais orthodoxa , 10. invencível, & verdadeira : a mais nobre , & leal a seus Principes : prometendo-lhe a posse deste Reyno , a quem o mesmo Redemptor do mundo escolheo para seu Imperio. O reconhecimento destas dividas, pede hum filial amor , como tinha a Deos El-Rey D. Affonso Henriques, o qual repetidas vezes dizia : *Temo perder*

por

*por hum peccado a mercé que Deos
me fez, & a meus Descendentes.* 11.
Por huma falha , desmerece o dia-
mante mais , do que a prata com
muita liga ; o dobrado empenho cõ
que o creou o Sol,& o estimarão os
homens, lhe dobra a desestimação, à
vista do precioso.

3 *Temido de todos, he o rayo :*
mas com irrationavel modo intimi-
da a todos ; porque mais esmorece
ao justo, que ao peccador. O rayo,
naõ he Principe , he vassallo da re-
giaõ do fogo ; causa da imprudencia
com q̄ influe nos temores, a quē de-
via exceptuar nos ameaços. O Im-
perio naõ se experimenta na obe-
diencia dos subditos, 12. sim na di-
stribuiçaõ do poder. 13. Atemori-
zar aos justificados, he de quem os
naõ

naõ distingue dos criminosos : imprudente respeito, o de algūs Principes , que usáraõ da Magestade , como se fora contagio,& não remedio: 14. este, defende a quem o abraça , & não repará a quem o desestima ; o que não faz o contagio, porque mata aos que lhe assistem , & perdoa aos que lhe fogem.

V.R.A. de tal sorte se faça *Temião* dos vassallos, que o não temão pelo que pôde , sim pelo que merece. 15. O poder , & o merecimento dos Principes differem, em que este atrahe , & aquelle violenta : este domínio he tirannico , o outro Paternal : & todo o Rey Lusitano , que se nega a Pay dos subditos , desmerece o soberano titulo de seu Rey natural. Porque ainda do Sol , que sem-

112 *Abecedario Real, &*
sempre he o mesmo , disseraõ algüs,
que não era proprio creador das flo-
res o Sol que as murcha , senão o
que as vivifica.

V

- 1 *Virtuoso,*
- 2 *Vigilante,*
- 3 *E Veneravel.*

1 **S**ão as virtudes do Prin-
cipe, todo o valor, 1. &
gala da sua purpura : 2. do seu ma-
yor estudo deve resultar o conheci-
mento , de que o seu credito pende
de sua virtude. 3. Impropriamente
se intitula Rey, o que vive mal : 4.
não pôde governar com acerto ,
quem

quem não vive reformado ; 6. para q̄ cō o vigor de seu exēplo reprema a soltura de seus vassallos. Disgracado o Reyno , onde o Principe for distrahido ; & bem afortunado , o q̄ o possuir *Virtuoso* : 7. como o Sol eclipsado , he todo o Principe mal procedido , porque diminuto nos resplandores , & nocivo nos influ-
xos.

V.R. A. lembre-se que duas cou-
sas se esperão de hum Principe per-
feito; & vem a ser : virtude na vida,
& esforço nas armas: 8. com a vir-
tude se compra o poder; 9. & com
a immodestia a froxidão. 10. Aque
potencias não amortecem os vicios?
E a quaes não avivaõ as virtudes?
11. O cilicio, & disciplinas , que se
achàraõ a El-Rey D. Joaõ o Segun-

do depois de sua morte , 12. foraõ os clarins de sua fama , porque ha-
vião sido a protecção de seus exer-
citos. Prevalece o Carbunculo a to-
das as mais pedras preciosas que se
lhe oppoem , com a mayoridade da
luz que o clarifica: o excesso da vir-
tude o faz prevalecer ao valor dos
competidores.

2 A serenidade do mar , não es-
cusa ao Piloto do cuidado do leme :
a inconstancia das aguas, & a varie-
dade dos ventos , não lhe admitem
descuido na obrigação do officio.
Embarcação exposta a iguaes con-
trastes , he a conservação de hum
Reyno: 13. este,não pede menos vi-
gilancia a quem o governa , do que
a embarcação,a quem a encaminha:
cresce a tempestade dos cuidados ,

con-

conforme a extensaõ do Senhorio.

14. O Leão naõ fecha os olhos quãdo dorme, cerrando-os os animaes todos quando descansaõ ; he Rey de todos o Leão, & por esta causa abre os olhos , quando os demais os fechaõ.

Senhor , a vigilancia em todos, he disposiçao da alma, com que esta domina os sentidos , & as virtudes externas. 15. Accrescem aos Príncipes maiores obrigações , que aos vassallos, para segurarem a consciêcia. 16. Nenhum dos animaes corre em hum dia mais terra que o Leão: 17. nenhuma das Aves penetra tanto o elemento do ar , como a Aguia : esta , em aquietando do voo, & o Leão em socegando do curso, desbastão em huma só hora

a preza, que nenhum de seus vassallos consume em todo o dia. 18. Visitar as terras de seu Reyno , & acelerar a expediçāo dos pleitos , saõ o demonstrativo da vigilancia dos Principes. O cuidado com que El-Rey D. Pedro o Justiçoso expedia os despachos , fazia abreviar as sentenças, & executalas , 19. foi a mayor sentinella , que podiaõ ter os vassallos na guarda de suas fazendas, & os Ministros , na inteireza da justiça. A visita que o mesmo Rey D. Pedro o Primeiro , & outros mais fizeraõ à demarcação de sua Coroa , os advertio na *Vigilancia* de seu governo , dandolhe presencial conhecimento do remedio , de que necessitava. Curar por informaçōes , he expor a virtude das medicinas aos erros

3. Na gravidade , & valentia do gesto, com que o Artifice compoem a imagem, lhe infunde o respeito. O retrato de hum Príncipe , não se inculca sómente pela eminencia da Coroa , tambem se dà a conhecer pela soberania da Magestade. 20. O Veneravel aspecto , & decente gravidade andão anexos às maiores virtudes : 21. ou para se inculcarem regias, ou para se divizarem soberanas : De pouco importa a fidalguia do lenho para os agrados da vontade, se desmerece pelo feitio , o que outro mais inferior avulta pela imagem.

V.R. A. inculque a soberania no gesto , naõ faltando nunca ao agradavel : 22. espinha-se a maõ ao co-

118 *Abecedario Real, E^o*
lher da Rosa , & recreaõse os olhos
quando a vem: assim foi a presença
de todos os Reys Lusitanos , para
com seus vassallos : naõ particular-
rizo a nenhum, porque todos, qual
outra Rosa , nasceraõ ornados da
purpura , & armados do respeito.

X

Xavier

- 1 *Por affecto,*
- 2 *Por imitação,*
- 3 *E Por officio.*

1 **O** Caminhante previsto
nos infortunios da jor-
nada , vale-se do arrimo para ampa-
ro das forças. E que jornada mais
peri-

perigosa , que a de hum governo ?
nem mais distante que a do Ceo ?
Tutelares de hum , & outro cami-
nho, escolheo para V. R. A. a Ca-
tholica devoçāo da Rainha nossa Se-
nhora o patrocinio de muitos San-
tos ; entre elles , o de hum Xavier
Apostolo da India, & o de hum São
Bento Príncipe dos Patriarcas, paren-
te de V. R. A. pela Augustissima
Casa de Austria; 1. & Progenitor es-
piritual de muitos Santos, com que
se authoriza a Real Casa do Palati-
nado. 2. Bastavaõ estas duas colum-
nas , que acompanhasssem o nome
de V. R. A. para que em todas as
partes do mundo a que elle chegar ,
seja o *non plus ultra* da estimacão :
mas em tudo inspirada a providen-
cia, que soube acumular as luzes do

Empireo, a quem esperamos descubra,& sogeite novas terras a seu Imperio.

A todos se aventaja na devoçāo da Rainha-nossa Senhora a intercessão do Santo *Xavier*, a cujas nove-nas encomendou,& attribuió o Fruto de nossas esperanças, em o nascimento de V. R. A: & com superior respeito , porque era devida remuneração dos merecimentos de hum Justo , a quem augmentou os gráos da gloria , o levar a luz Evangelica à regiaõ das sombras ; amparar este Reyno com o feliz parto de hum Principe, cujos vassallos , em conquistarem a India,abriraõ as portas, por onde este Sol introduzio as lu-zes.

Affim que, *Xavier* por affeção ,
por-

porque obrigado ao patrocinio de sua virtude, se deve V.R.A. mostrar Xavier na estimaçāo de sua Família : reconhecendo , que a devoçāo com os Santos , he unguento que modifica as dores d' alma , 3. & fāra as do corpo: 4. como experimentou El-Rey D.Pedro o Justiçoso,na que teveao Apostolo S. Bartholomeu : 5. & desobrigarā ao Santo de seu Prosector, nos acertos do governo, se for esquecido da intercessāo com que elle alcançou de Deos o crealo Principe : porque as Aguias desemparāo os filhos , que desprezāo os agrados do Sol , com que ellas lhe alcançārāo da natureza o nascerem Aguias.

2 Xavier por imitaçāo , que val o mesmo, que inclinado às virtudes, que

122 · Abecedario Real, &
que o constituirão Santo. Quem ve-
nera o patrocinio , ha de imitar a
vida do que implora; 6. porque he
mais offensa, que respeito , amar ao
Santo, & não à santidade que o poe
no Altar: 7. animando-o para a imi-
tação , o conhecimento de que o
Grande Xavier foi homē como to-
dos, & que não obrou cousa impos-
sivel à nossa natureza: 8. & se as es-
tradas do mundo estão expostas a
quem as pôde trilhar; as veredas do
Ceo, estão patentes a toda a sorte de
pessoas, que as quizerem seguir.

3 *Xavier por officio* , esperamos
em Deos seja V. R. A. nos effeitos.
O officio que este *Inclito Heroe* ex-
ercitou na India, foi , augmentar a
este Reyno os Senhorios, & nelles a
Deos o devido culto : 9. obrigaçāo
pro-

Regia Instrucção de Príncipes. 123
propria de hum Príncipe Lusitano ;
comparado em suas forças ao empe-
nho , com que a Lua atrahé os vapo-
res para triunfo do Sol , de quem re-
cebe a luz ; dispondo-os na vassalla-
gem , a obedecerem com mais prom-
ptidão às determinações do Sol .



Zeloso

- 1 *Do serviço de Deos,*
- 2 *Da observancia das Leys,*
- 3 *E Do bem commun.*

TRes cousas constituem
a toda a planta agrá-
davel , & proveitosa : as folhas , flo-
res , & frutos : nellas se resumem to-
das

das as utilidades das arvores ; & nestes tres generos de zelo, toda a perfeição da politica Christãa. A virtude, he o lenho ; o zelo em commun, as folhas ; o zelo discreto, as flores ; & o devoto, os frutos. 1. O zelo he producção da virtude , & muitas vezes influxo da vingança : 2. este zelo he desordenado, porque fingido : & o outro discreto , porque verdadeiro. Toda a virtude sem zelo , he arvore sem folhas, porque sem gala ; o zelo indiscreto , folhas sem frutos , porque inutil ; & com discricão , flores com frutos , porque virtuoso. 3.

O zelo discreto he animado da caridade , vestido da sabedoria , firmado da constancia , fervoroso, circunspecto , & invencivel : 4. este zelo

zelo he Real , porque supremo : & não sendo discreto, he pernicioso, 5. porque semelhante às folhas da arvore infructifera, defendem as proprias raizes , enfraquecem as demais plantas, succandolhe a substâcia da terra , com que cuidadosas de si, tratão de assombrar as mais.

O zelo discreto termina-se à utilidade das almas , que he o sacrificio mais agradavel a Deos ; 6. & o sustento mais gostoso aos justos. 7. E por esta rezão , o fervor mais natural aos Principes ; como o tem sido o dos Reys de Portugal em suas conquistas, empenhando os thesouros para augmentarem á Igreja o numero dos fieis : & o dispendio com que hoje lhe assistem , para cōservação do Christianismo. Se-
nhor,

nhor , o zelo dos Principes que se
não termina a mayor gloria de
Deos, he calor desordenado, que se
atèa em hum corpo , não para o su-
stentar, si para o consumir.

2 *Zeloso da observancia das Leys,*
com o fim de castigar para emen-
da, & não por vingança: 8. porque
o zelo que nega o perdaõ , não he
zelo, he odio. 9. Na moderação do
zelo se descobrem as entranhas da
piedade: 10. que por esta causa de-
rão alguns a El-Rey de Portugal D.
Pedro o Primeiro o nome de Cru,
porque não admitia o arrependi-
mento dos culpados. 11. As Leys
antes que se promulguem , devem
conferirse com os preceitos Divi-
nos, parecer dos sabios , uso das ter-
ras, & utilidade dos povos: 12. a sua
obser-

Regia Instrucção de Principes. 127
observancia, he a alma que lhes dà vida; 13. mas não com tanto rigor, que não padeça (qual outra vida) os achaques temporaes na alteração dos humores.

3 *Zeloſo do bem communum*, està V. R. A. obrigado ser mais, que da utilidade propria: esta, he todo o cuidado dos humildes; 14. & aquelle, a mayor glória das Mageſtades. 15. O bem communum não tira a honesta conveniencia particular; nem esta, o deve alienar da utilidade cōmua, pelo que deve à imitação do justo, quem governa vassallos. 15. Que de Reys Lusitanos empobreçeraõ os theſouros proprios, para accrescentarem os cabedaes dos ſubditos? Não os divizo, porque a hūs a liberalidade, & à mayor parte delles

128 *Abecedario Real, &c*
les o amor, esgotou a fonte para enriquecer os regatos: mas tudo conveniencias do mar, donde emanão as aguas, porque estas sempre se recolhem ao centro com mayores cabedaes, do que sahirão.

Senhor, todos nascemos orfãos de merecimentos, assim Príncipes, como vassallos. As riquezas que nos haõ de acópanhar a vida d'alma, saõ as virtudes da vida: a de hum' Príncipe, como fomenta mayores distancias, expoemse a se recolher com mayores thesouros, ou com mayores encargos. Para as aguas correrem proveitosas, usaõ os agricultores de as encaminhar por veredas, & aqueductos, em que se aproveitem, & naõ se desperdicem: o mesmo intento, com affecto de leal vassal-

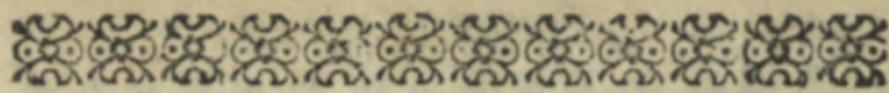
vassallo , me animou a guiar estes primeiros annos de V. R. A. pelos caminhos consentaneos ao serviço de Deos,& utilidade do Reyno : em V.R.A. seguir as pizadas de seus Ascēdentes,cōsiste a fertilidade de seus progressos : & confio na protecçāo Divina , que as esperanças de seus Reaes Progenitores se multipliquem fundadas na educaçāo de V. R. A; para que não só imite, mas exceda as virtudes de seus Ascendentes, & com ellas lhe assistāo os fados , que conduzem ao logro da boa fortuna.

*Spesque Patris, Matisque auge,
Superesque Parentum
Vota, fluant Hermus, Lydiaque
unda tibi.*

Jovian. Pontan. lib. 1. de amore
Conjug.

LAVS DEO.





CARTA DE NOMES, OU

Significaçāo dos seis nomes Reaes
Do Serenissimo Principe de Portugal

D. IOAM FRANCISCO,
JOSEPH, ANTONIO, BENTO,
E BERNARDO,

Para entretenimento de sua Real Infancia.

DECIMA.

 Oss nome, Senhor, he
JOAM, por Graça estimado,
FRANCISCO por Signalado
Nas Chagas Quinas da Fé:
Sereis no Augmento hum JOSE,
Tendo de ANTONIO o Resguardo,
Pois he Portuguez galhardo;
E para Reger com tento
Saude tereis de hum BENTO,
Tercis Valor de hum BERNARDO.

*De Fr. Antonio Lopes Cabral,
Cappellão do numero, & serviço de El-Rey N.Senhor.*



INDICE

Das Authoridades com que se exornão
os 63. discursos deste Abecedario.

DEDICATORIA.

- * *Et lacte implevit utrumque rato posuit in clypeo. Theocritus loquēs de Alcmena Matre Herculis.
Reptastis per scuta puer.
Claudian. Ad Honorium Imper.*

A

Amante.

- 1  *Lvaro de Vera Othogr.
Portug. lit. A.*
- 2  *Masculus statim clamat
A, plorans casum Adæ, & fæ=*
I iij mina

- mina E, plorando casum Eva.
Micha. Aguan in Psalm. 50.
- 3 Cor in quatuor effectibus est, quid
diligas, quid metuas, unde gaudeas,
seu contristeris. D. Bernard. de je=
jun. serm. 2.
- 4 Quomodo amor mortalis non at=
tingit eos qui sunt adhuc infantes:
ita etiam in divina pulchritudine
qui est adhuc infans, & fluctuat,
& in omni vento doctrinæ circun=
fertur. D. Gregor. Nissen. Homil.
1. in Cantic. Canticor.
- 5 Nemo potest rectè terrena regere,
nisi prius divina tractaverit. D.
Greg. Magn. in Rég. lib. 4.
- 6 Difficile est ut bono peragātur ex=
itu, quæ malo sunt inchoata prin= c
cipio. Leo Pap. in quadam Epist.
- 7 Ofelix amor, ex quo oritur strenui= c
tas

tas morum , puritas intentionum,
subtilitas intellectus, &c. D.Ber=.
nard.lib.de Diligend. Deo.

8 Bonus, vera via nititur , sed igna=
vus, quia bonæ artes desunt, dolis
atque fallacijs contendit. Sallust.

9 Nam amor Dei, & proximi , sunt
duæ alæ animæ i.ad bene & soli=
cità vivendum & agendum. Ge=
minian.lib.4.de Natatib. & Volat.
cap. 55.

10 Consta de sua vida, fol. 25.

11 Qui Dei præcepta contemnit, Deū
non diligit: neque enim Regem di=
ligimus si odio ejus legem habe=
mus. S. Isidor.

12 Reverentia est honor quem tam in
verbis quam in factis alicui exhib=
bemus. D.Thom.2.2.q.81. art.2.

13 Espelho de Lusitanos, fol. 29.

- 14 *Ubi honor non est, ibi contemptus est.* D.Hieron. in Epist.
- 15 *Per amorem Dei amor proximi gignitur.* D.Greg.Magn. in Homil. sup. Evang.
- 16 *Aliorum Regum si exitus reputaveris, plures a suis, quam ab hostibus interemptos invenies.* Curti. lib.9.
- 17 *Couto Dec.6. Ar.10. Ca.5.* Duarte Nunes descr.de Portug. c.86.
Mariz Dia log.4. cap.11.
- 18 *Ille tutus est Rex, qui sic subditos imperat, tu parentes filijs.* Agisilanus apud Pluth. in Apotheg.
- Amado.
- 19 *Paralellos de Principes,* fol.8.
- 20 *Vnum est Regi inexpugnabile munimentum, amor civium.* Senec.de Clement.

Animoso.

- 21 *Animo aliquid melius esse, eique præesse non potest. Arist. lib. 1. de Anim.*
- 22 *Socrates in mentem induxerat omnium possessionum humanarū maximè divinum esse animum. Libanius Deslam. 29.*
- 23 *Corpus multis eget rebus ut valeat: animus ex se crescit, se ipsum alit, se exercet. Senec. epist. 51.*
- 24 *Magna & generosa res est animus, in quo Princeps nunquam senebit, in æternum vivit. Quirit. de fortitud. lib. 3. §. 40.*
- 25 *Rectè invictus, cuius etiam si corpus constringatur, animo tamen vincula injici nulla possunt. Cicer. 3. de finib.*
- 26 *Animi morbi sunt cupiditates, &c.*

- Eccl. Idem lib. 1. de finib.
- 27 Animus noster modò Rex est, modò Tyrannus: Rex cum honesta intuetur, Eccl. Senec. epist. 114.
- 28 Animus absque prudentia, non animus, sed temeritas est. Quirit. I. §. 21.
- 29 Fortitudo vestra ut favilla stupæ, Eccl. opus vestrum quasi scintilla, Eccl. succendetur utrumque simul. Isaiae 1.
- 30 Viridicis. Naturalis hist. c. 3. §. 37.

B

Bellico.

- I **A**nimus solus nec cum adeat, nec cum discedit apparet.
Cato maior.
- 2 Non in luto, sed in ferro testatur
ani-

- animus. Crinit. lib. 4. de Fortit.
- 3 Barros Decad. 1. l. 5. c. 1. § 13.
- 4 Quid desideratis? quid adhuc statis armati? quasi daturi leges, § non accepturi. Egesippus cap. 46. lib. 5. de excidio Hiero.
- 5 Synesius Epist. 107.
- 6 Vbi arma non sunt liberè loquor. Patron. Arbiter Satyrico Poëma.
- 7 Petrus Greg. de republ. l. 22. c. 11. Benefico.
- 8 Largitas & liberalitas, & beneficia, regiae laudes sunt. Lactantius.
- 9 Manrique Auspurg. de reb. sui temp. §. 34.
- 10 Liberalitate vitia teguntur. Maximus in histor. Saxon.
- 11 Mariz Dialog. 3. cap. 5. in fin.
- 12 Tum illud unum considerandum est,

est, ut pro dignitate cuiusque tribuatur, in quo mores spectandi ejus, in quem beneficium conferatur. Cicer. 1. officior.

13. Quod vi datum est, non putas beneficium, sed prædam. Maxim. in hist. Saxon.

Benevolo.

14. Liberalitatis duo sunt maximè probabiles fontes, verum judicium, & honesta benevolētia. Idem l.4.

15. Benevolētia autem quam quisque habeat erga nos, primum illud est in officio, ut ei plurimum tribuamus, à quo plurimum diligimur. Cicer. 2. officiorum.

16. Jul. Cæs.orat.2.ad Euseb.Imper.

17. Panorm.l.2.de Alexand.reb.gest.

18. Jul. Cæs. ad Constant. Paneg.1.

19. Pisanus de Alexand. Panegyr. 7.

Ca-

C

Catholico.

- 1 **N**ullam se vidisse, ac nosce inter Christianos gentem, quæ tam pio affectu, constantique zelo fidem Christi Domini amplecterint. Maffæus in vita ejus.
- 2 *Vt principis est in omni virtute populo præire, ita in religione maximeque Princeps & caput virtutum, &c.* Lipsius de una religion.
- 3 *Qualis rector civitatis, tales inhabitantes in ea.* Eccles. cap. 10.
- 4 *D. Thom. 2.2. q.92. art.10.*
- 5 *D. Aug. sup. illud Matth.7. Qui veniunt, &c.*

Circunspecto.

- * *Quidquid præter opinionem inveneris in bello potes, priusquam ingrediare*

- grediare considera. Fucyd. lib. 1.
- 6 Mariz Dialog. 5. cap. 3.
- 7 In omnibus, quid tempora petant,
aut quid personis dignum sit, semper
considerandum est. Cicer. 2.
de Inventio.

Confiado.

- 8 Utrumque in vitium est, & omnibus credere, & nulli. Sen. ep. 3.
- 9 Expedit multo bene timere, quam male fidere. D. Aug. de singulari
Clericor.
- 10 Mariz cap. 14.
- 11 Rezende, Ruy de Pina, & Mariz na sua vida.
- 12 Rex qui nulli fudit, inutilis est: nec minus qui omnibus. Erasmus apud
Platin.

Docil.

D

Docil.

- 1 **M**Ariz na sua vida.
 2 Duarte Nunes de Leão,
 Chron. d'el-Rey D. Affonso V.
 3 Docilitas est aptitudo benè acquiri-
 rendi rectam opinionem ab alio, si-
 cut solertia à se ipso. D. Thom. 2.
 2. quæst. 48.
 4 Cujusvis hominis est errare, nul-
 lius nisi insipientis perseverare in
 errore. Cicer. Phil. 2. & D. Thom.
 2. 2. q. 49. art. 3. & 11. Metaph.
 lib. 6. text. 1.

Discreto.

- 5 S. Isidor. Pelus. lib. 2. epist. 175.
 6 Prudentia, propriè est virtus
 Principum. Aristot. Polit. 2.

Car-

- 7 Cardinal. de Aguirre disp. Mor.
disp. 11. q. 3. sect. 1. n. 3. & seq.
- 8 Prudentia est rerum bonorum, &
malorum scientia. Cic. l. 2. Rhet.
- 9 Aristot. de virtut. & viti. divis.
- 10 D. Ambr. lib. 22. Moral.

Desinteressado.

- 11 Princeps se Regem esse , non mercato
rem meminerit. Curt. lib. 1.
- 12 Lucrum est auxilium indigentia.
Arist. Ethicor. 8.
- 13 Raulin. de Vivar epist. 33.
- 14 Duarte Nun. em sua Chron. &
Mariz Dial. 3. cap. 4.
- 15 Mariz na sua vida , & o insigne
Manoel de Faria.
- 16 Ibi.

E

Esmoler.

Quidquid tribuitur pauperi,
si subtili consideratione
pensatur, non est donum, sed
mutuum; quia quod datur, sine
dubio multiplicato fructu recipi-
tur. D. Greg. Magn. in Registo.

2 D. August. de verb. Domin.

3 D. Joann. Chrysost. homil. 18.

4 Marian. lib. 13. cap. 12.

5 Mariz nas suas vidas.

Expedito.

6 Honestius est rem negare, quam
longos terminos dare; quia minus
decipitur cui celeriter negatur.
Cassiodor. lib. Epistol.

7 Solas pes hominem in miserijs con-
k solar.

- solari solet. Cicer. in Catilin.
- 8 Semel dedit, qui rogatus: qui non,
bis. Plin. jun. in hist. Saxon.
Eloquente.
- 9 Joseph Langius, & Dominic. Na-
nius verbo eloquentia.
- 10 Tribus modis homines aggreditur:
aures penetrando, oculos demulcē-
do, & animos invadendo. Senec.
in Epistol.
- 11 Magna eloquentiæ vis potentissi-
mos etiam Reges repugnat. De-
mosth. 1. Olynth.
- 12 Inimicos domat, & cavillationes
devanescit, quia eloquentia etiam
saxos obedire fecit. Raulin. in quo-
dam serm.
- 13 Ex duobus imperfectis, melius est
rusticitatē sanctam habere, quam
eloquentiam peccatricem. D. Hier.
ad Nepot. Sunt

14 Sunt qui diserti esse malunt, quam boni. Quintil. lib. 12.

* Vide Mariz, Manoel de Faria, & todos os AA. que lhe escrevem raõ as vidas.

15 Si continuè & multa, & celeriter loqui signum esset prudentiae, birundines dicerentur multo sapientiores nobis. Socrat. apud Stoëbaum. Philem. ibid.

F

Fervoroso.

1 Bertorius, Titulo Fervor §. 1.

Firme.

2 Inconstantia non solum levitatis signum, sed totius dignitatis vituperium. Joani Abosco Vergomens. de stat. Princip. lib. 2. §. 6.

- 3 Princeps inconstās corpus sine capite , caput sine oculis , & caput sine mente. Ibi, lib.4. §.14.
- 4 Chronica de El-Rey D. Duarte, cap.19.
- * Sæpenumero animadverti,(inquit Chrysantas) Principem bonū à patre bono nihil differre. Xenoph. de Institut. Cyr. lib.8.
- 5 Inconstans mente cæcus , aut surdus. Demost. apud Stobæum.
- 6 Non satis judicare quid faciēdum vel non faciendum sit , sed stare etiam oportet in eo quod sit judicatum. Cicer.2. de finib.
- Fabricador.
- 7 Vide Mariz,& os demais Chronistas que escreverão sua vida.
- 8 Ibidem.

G

Grato.

- * **N**am deimus vel non demus,
in nostra potestate est, &c
Senec. in quadam Epist.
- 1 Non esse superiorem in referendo,
quam in conferendo beneficio ; hoc
est esse inferiorem. D. Ambr.
- 2 Ingratus quisquis est , is maiorem
in modum Deos, parentes , ac pa=
triam negligit. Stobæus de ingrat.
- 3 Nam qui gratè beneficium accipit,
primam ejus pensionem solvit. Se=
nec. 2. de benef.
- 4 D. Aug. Man. na vida de Dom
Duarte de Menezes, lib. I.n. 22.
- 5 Severim na vida de Ioaõ de Bar=ros, fol. 53.

- 6 Sapiens omnia examinabit secum,
quantum accipit, a quo, & quando, ubi, quemadmodum: itaque negamus quemquam scire gratiam referre, nisi sapientem. Sen. 3. Ep.
- 7 Qui quanta sibi gratia collata sit, nescit, quantas largitori grates debeat, non intelligit. Cassiod. in quad. Epist.

Generoso.

- 8 Generosus ita differt à nobili, quod nobile est id, quod ex bono prodijt genere; generosum, quod a sua natura non degeneravit. Arist. lib. 1, de Anima.
- 9 Generosos homines semper, & ubique fortiter agere decet. Procop. de bell. Vandal. lib. 2.
- 10 Generosi hominis est, honestis rationibus victoriam querere; turpis,

pibus, ne salutem quidem. Plutarc.
in Sertor.

11 Viri generosi, & potentes in omni
statu, ve fortuna, semper idem esse
debet. Solus humilis desinit esse se-
cundum prospera, vel adversa: ideo
humilis, quia variabilis. Pötianus
de Vera Politi. Vari.lib. 3. §. 70.

12 Turpe est generosum hominem in-
genium in vilibus rebus ostentare.
Nicephor. Greg. hist. lib. 19.

13 Nobiles & fortes viri, antequam
contumeliam patiantur, mortem
sibi anteponendam putant. Xiphi-
lin. in Cæs. August.

14 Vasconcellos in Princip. Ferdin.
Diogo de Torres hist. dos Xarifes
c. 94. Faria Epitom. 3.p. c. 12.n. 4.
Germanado.

15 Fædera sancta sunt apud eos ho-
k iiii mines,

mīnes , apud quos juxta divinas
Religiones fides humana colitur.

Livius Dec. I. lib. 9.

16 *Qui dereliquit amicitiam Dei propter hominis amicitiam , non Dei, sed hominiis cultor : non Cæli , sed inferni hæres. Ioann. de Ormiza, tract. de una fide lib. 13.*

17 *Non quivis socij, sed potētes assūmendi sunt , quorum societas non sit nobis onerosa , sed auxiliaris. Sylus ex Cominæo.*

18 *Iacobus Polancus de var. hist. Et Berçor. verbo Fædus.*

19 *Marian. hist. Hispan. lib. 11. c. 13. Et lib. 16. c. 7. Mariz , Et todos os Chron. que escreverão suas vidas.*

H

Habil.

- 1 **H**omines te habilitavere ;
sed insipientia tua tecum
nata fuit, & semper erit. Gregor.
Manriq.de vera disc. Pol.n.124.
- 2 Deus documenta dedit, Patres do-
cumenta explanarunt , Principes
autem nati sunt sicut cæteri homi-
nes rudi,& macilenti,&c.ibi n.2.
- 3 Vide Mariz nas suas vidas , &
o Reverendissimo P.Fr.Rafael de
Iesu, Chronista mòr do Reyno, to.
2. da vida d' El-Rey D.Ioão o IV.
- Honesto.
- 4 Honestas est virtus attractiva ;
omnia movet, omnia superat aspe-
ctu suo. Ioan. Clima. & Tullius
lib.de Finib. Opor-

- 5 Oportet Principem etiam moribus imperiū docere (ait Pitaccus apud Stob.) quia honestas ubi adest, maiestas lucet, ubi deest, non apparel corona. Ioan. supra.
- 6 Si vis probus, si vis potens, si vis magnus esse, & honestate debes cæteros, non malignitate superare. S. Salvian. in fin. lib. 5. de Gub. Dei.
- 7 Honestum etiam si nobilitatum nō sit, aut etiam si à nemine laudatur, tamen laudabile est natura, &c. Cicer. I. officior.
- 8 Viridicus natural. hist. cap. 7. §. 3.
- 9 Abstinendum est spectaculis, verè imperantibus, nam qui ridiculis gaudent, Imperij maiestatem minunt, ait Themistocl. : eodē modo, omnes Principes, qui in honeste vivunt : impudicitia vero esse, & imper-

imperia minuit. Eritius Patercul.

3. de Regim. Princip.

10 Historia natural de Virid. supra.

11 Mariz nas suas vidas, & o In=signe Faria.

Honorifico.

12 Honorans alios, se ipsum honorat.

D.Chrys. sup.ep. ad Hebr.ho.25.

13 Qua in civitate nō maximus vir=tuti bonos tribuitur, in ea optimus. civitatis status stabilis, & firmus esse nullo modo potest. Arist.lib.2. de Republ. cap. 9.

14 D. August. Manoel na vida de D. Duarte de Menezes lib.1.n.22. & Christovão Ferreira na vida de El-Rey D.Ioão o II. Faria no Epitome. Mariz Dialog.5. cap.1. ibi Dialog. 4. cap. 19. Damião de Goes Chron. d'el-Rey D. Manoel

4. p.cap.84.Fr.Rafael de Iesus 2.
p.da vida d'el=Rey D.Ioão o IV.
- 15 Magni fiunt animi magnis hono=ribus. Liviis Dec.1.lib.4.
- 16 Tot imitatores quot virtutes au=gentur Principis. Rabanus de Exemp. Princip.
- 17 Christovão Ferreira na vida d'el=Rey D.Ioão o II. Faria, Duarte Nunes Descripção de Portug. Bar=buda Apolog. & Sebast.de Agui=lar, Principe Perfeito, fol.30. ex=emplo 4.

I

Industrioso.

- 1 **P**eritiam Ars, imperitiam Fortuna sequitur. Pl.de Rh.
- 2 Præclarum quidem est etiam per fortunā inter illustrissimos admira=tione

tione esse, sed multo præstantius est industria sua, &c. Demosth. orat. amatoria.

- 3 Alterum mater, alterum industria gignit. Maximus lib. 8.
- 4 Quæ bona sunt, meliora fieri posse sunt arte; & quæ non optima, alii quo modo acui tamen & corrigi possunt. Cicer. lib. 1. de orat.
- 5 Experientia artem facit. Aristol. Metaph. 1.
- 6 Pater meus Bercor. verbo Ars.
- 7 Diligens industria utilior quam bonum ingenium. Stobæus.
- 8 Christovão de Freitas supra, & Mariz, Fr. Rafael 2. p. d'el-Rey D. Ioaõ o IV: & no seu Castrioto Lusit. Consta de sua vida.
- 9 Platode natura Nomi.

In cansavel.

- 20 Semper idem usque ad non idem
Cæsar is natura est.. Quiritus de
maiest.
- 21 Mariz Dialog.4. cap.12.
Iustificado.
- 22 Iustificatio ex amore , & timore
procedit. D.Bernard.sup.Psalm.
Qui habitas.
- 23 Magnificentia Domini est pecca=
toris justificatio. D. August.sup.
Psalm. 110.
- 24 Euripid. apud Stobæum.
- 25 Duarte Nunes Chron. d'el-Rey
D. João o I. cap.10.
- 26 Fernão Lopes Chronista d'el-Rey
D. Ioaõ o I.p.1.cap.28.

L

Livre.

- 1 **L**ibertas ubi non est, nec meritorium. D. Bernard. de Gratia, & lib. Arbitr.
- 2 Mariz na sua vida.
- 3 Regium est ita vivere, ut non modo homini, sed ne cupiditati quidē servias, &c. Cic. Pro Sylla.
- 4 Quid prodest, quod liber est in natura, qui servus est conscientia? Videmus nos extrinsecus generis claritate sublimes, intrinsecus mētis infirmitate degeneres: innocentum Dominos, & criminum servos. Euseb. Emiss. ho. 3. de Pascha.
- 5 Mariz na sua vida.

Lembrado.

- 6 *Quamvis gubernatio sit officium
capitis, sine memoria est caput sine
corpore. Epictetus apud Stassum
de Christian. Princip.*
- 7 *Principis est virtus maxima nosce
suos. Martial lib.8.*
- 8 *Mariz na sua vida, Christovaõ
Ferreira na vida de El-Rey D.
Ioaõ o II. lib.4. fol. 89. Eº Fr.
Rafael de Iesus na 2.p. da de El=
Rey D.Ioaõ o IV.*
- Luzido.
- 9 *Ornatus autem , Eº deliciae sunt
necessarij tripliciter , scilicet pro=
pter infirmitatem, consuetudinem,
Eº dignitatem. D. Thom. 4. sen=
tent.dist.15.q.2.art.3.*
- 10 *Sub quavis veste benè colitur pie=
tas. D. Bernard. in Epistol.*

Asti=

- 11 *Astitit regina à dextris tuis in vestitu deaurato: quia vestis nuptialis est proprium ornamentum maiestatis.* Chrin. sup. Psalm.
- 12 *Superfluitas etiam ipsam maiestatem detruicidat.* Quiril. de Rep.
- 13 *Ornatus superfluus Principis, aut civium est indigentia civitatis.* ibi.
- 14 *D. Gregorius Magn. in Hom.*
- 15 *Todos os q̄ escreverão suas vidas.*
- 16 *Sordidae vestes, candidae mentis indicia sunt.* D. Hier. ad Rusticum.

M

Misericordioso.

- 1 **S**ola misericordia est, cui omnes virtutes cedere honorabili non recusant. Cassiod. in Epist.
- * *Misericordia artem non habet.* D. Hieron.

L

D.

- 2 D. Aug. in qq. ex utroque testam.
- 3 *Iustitia sine misericordia non est iustitia, sed crudelitas.* D. Chrys.
sup. Matth.
- 4 Cicer. 2. officior.
- 5 L. Capitaliū 28. §. Famosos de pæn.
- 6 *Ipsa regentis clementia verecundiam facit.* Senec. de clement.
- * D. Bernard. in Sermonib.
- 7 *Est clementia hominibus necessaria, maximè autem Imperatoribus.*
Senec. de clement.
- 8 *Misericors vir pretiosa res est.*
Chrysost. hom. 4. de verb. Isaiae.
- 9 *Commūmente todos os AA. que escreverão delle. Mariz na sua vida.* Epitome, E^oc.
- 10 *Consta de sua vida.*
Memoravel.
- 11 *Etiam post mortem permanet nomen*

men nostrum. Tucidid.

12 Non sunt pericula, sed amenitates
omne quod ad famam conducit.
*Eurip. apud Roderic. Ausburg. de
fama, & ejus amator.*

13 Fama necessaria homini propter
proximum. *Abulens. sup. Matth.
tom. 5. fol. mihi 85.*

14 *Idem ibi.*

Moderado.

15 Omnis excessus rerum, aut nocet,
aut nihil prodest. *Arist. Polit. 7.*

16 Destruit excessus Principum, quod
non destruxit exercitus inimicorum.
Padilha tit. luxuria & sobrietas.

17 Vxi excessus, ibi regressus virtutis.
D. August.

18 Superfluitas exterior, interioris
vanitatis indicium est. *D. Ber-
nard. in Apolog.*

- 19 Ita omnes SS. PP.
- 20 Plato Polit. 5.
- 21 Non minus sunt turpia Principi multa supplicia, quam medico multa funera. Senec. de clement.
- 22 D.Greg.Magn.lib.5.Moral.

N

Noticioso.

- 1 **D**iv. Greg. Magn. lib. 1.
hom.3. sup. Ezech. Proph.
- 2 Quod deest experientia, super=abundabit lectione. Firmia.de stud.
- 3 Alit lectio ingenium. Sen.epist.86.
- 4 Omnino iniuum est studijs honc=stari minoribus: \mathfrak{E} eos, quos ar=dua \mathfrak{E} gravia expectant officia,
voluptatis, \mathfrak{E} vanitatis occupa=tionibus agitari. D.Chrys. de Cu=rial. nuz. Ma=

- * Mariz Dialog. 3. c. 1. Dialog. 4.
cap. 5. & sequentib.
- 5 Legentibus Deus loquitur. D. Au-
gust. sup. Psalm. 48.
- Necessario.
- 6 Nazianz. & Plin. junior lib. 8.
- 7 Communitas SS. PP.
- 8 Mariz, & Manoel de Faria
Epitome nas suas vidas.
- Nacional.
- 9 D. Anton. Domin. 4. Quadrag.
- 10 Plutarc. de Polit.
- 11 Mariz nas suas vidas.
- * Vide D. Anton. ubi supra.
- 12 Magna abusio est, ut corpus in-
duatur, & contra regulam suis
vestibus anima nuda deseratur. D.
Bernard. in Apolog.
- 13 D. Aug. de 12. abusionib. & D.
Bern. in apol.
- 14 Ibidem. L iij D.

- 15 D. Cyprian. de 12. abusib.
- 16 Fontanus de abusio. ignorant.
- 17 Dominari ancillam, & ancillari
Dominam magna abusio est. D.
Bern. ubi supra.
- 18 Cæco lumen, surdo sermonem, sa-
pientiam bruto offerre, labor irri-
tus. D. Cyprian. supra.

O

Occupado.

- M**Agis caput desidiosū nos-
cet, quam cæterarū partiū
prigritia. Adalerm. apud Venen-
tium de cura & otio.
- 2 Otiositas mater est nugarum, &
noverca omnium virtutum. Ipsa
est, quæ virum fortem fortissimè
præcipitat in reatum, &c. D.
Bern. in serm. & l. 2. de consider.

Ma-

3 Mariz nas suas vidas.

4 Datur otiositas in occupatione, quādo occupatio Principis non ad utilitatem, sed ad perniciem: Princeps verò semper quærit quæ ducunt ad gloriam sui, & utilitatem suorum. Chrinito Emehert de educat. Princip.

Orgulhosos.

5 Vbi potestas, ibi maior alacritas; alacer enim Princeps debet esse, qui Princeps est. Raulin. in quod. sermon.

6 Elatio vero prudens, ornementum est maiestatis. Cyril. de Vivar Apolog. advers. Iudæ.

7 Ibi. Tit. 4. de vigil. & execution.

8 Ibi. Tit. 7. de Fisco & eorū partib.

9 Mariz Dialog. 4. cap. 11.

10 Ibi Dial. 4. cap. 22.

Ouvinte.

- 11 Posse Principem omnium oculis cerniere, & omnium auribus audiare. Synesius in orat. ad regnum.
- 12 D. Dionysius de cœlest. Hierarch. epist. 9.
- 13 Idem ibi.
- 14 Auditu, & non visu pervenitur ad notitiam veritatis. D. Bern. sup. Cant. ferm. 23.
- 15 Aristot. de sens. & sensat.
- 16 Audiamus duplo, quam loquamur. Demosth. apud Stob.
- 17 Viridicus hist. natural. §. 46. & Bercorius verbo audire.
- 18 Reterod. in similib.
- 19 Duarte Nunes de Leão Chron. d'el-Rey D. Pedro fol. 176.
- 20 Doctrinam accipiamus, non mores: apibus herbae non sunt necessariæ, sed

sed flores : sic & vos flores doctrinæ colligite, & conversationem relinquite. D. Chrys. sup. Matth. homil. i. operis perfecti.

P

Parco.

- 1 **S** Enec. epist. 15.
- 2 **E**rasm. in simili.
- 3 **I**n cibo & vestitu hæc mensura teneatur, ut ne contra honestatem, ne supra necessitatem utatur, & sumatur. Quintanilha de clauistro animæ, & instit. Monach.
- 4 **N**on cibus, sed luxus vituperandus est. D. Ambros. contra Manich.
- 5 **C**ur regina carēs spinis ubi alimentata sumis? Temperantia est stimulus sobrietatis, ideo virtus superiorum. P. Ormisma de Ossuna, serm.

Domin.

- Domin. i. Quadr. 92. Et Cū jejun.
- 6 Plut. in convi. 7. sapi.
- 7 Temperantia facit abstinentem,
parcū, Et c. S. Prosp. de vita Cont.
- 8 D. Ambros. serm. 40.
- 9 Seclatur autem intemperantiam
ordinis perturbatio, imprudentia,
confusio, injuria, negligentia, disso=
lutio. Arist. de vitij Et virt. divis.
- 10 Mali ideo vivunt, ut edant ac bi=
bant: boni verò cibum sumunt, ac
potū, ut possint vivere. Pl. de Poet.
- 11 Cicer. in Parad.
- 12 Divitiæ grandes sunt homini vi=
vere parcē. Lucan. lib. 5.
- 13 Chron. d' el-Rey D. Ioaõ o I. Et
Mariz ibi.

Proveito so.

- 14 Occupatio inutilis, non zelus, sed
ludus, non occupatio, sed otiositas.

Quin=

Quintan. sup. de instit. Monach.

15 *Qui inutilis est omnibus, sibi utilis esse non potest. D. Ambros.*

16 *Ad utilitatem datur spiritus: I.
ad conservationem, negotiationem
justam, & solicitudinem rectam,
tam in magna, quam in infima di-
gnitate. Mich. Auspurch. de Reg.*

17 *Utilitas quavis ratione oblata, re-
pudianda non est, nisi pugnet cum
honestate. Demosth. I. Olynth.*

18 *Publica utilitas est cuilibet privile-
gio præferenda apud Iurisconsult.*

19 *Mariznas suas vidas, & Frey
Rafael de Jesus na d'el-Rey D.
Ioaõ o IV. tom. 2.*

Pacato.

20 *Animum cogo sibi intentum esse,
nec avocari ad extra, omnia licet
foris resonent, dum intus nihil tu-
multus*

- multus fit, &c. Senec. epist. 56.
21 Idem lib. de Tranquil. anim. c. 15.

Q

Quieto.

- 1 **P**Princeps pacis, Princeps inter omnes, quia imitator Christi, qui est Princeps pacis. Prudentio sup. Ezech. cap. 13.
- 2 Nihil perniciosius Civitati, quam divisio, ut nihil melius quam unio. Plato de Republ.
- 3 Pacem volunt etiam qui vincere possunt. Livius lib. 1. Dec. 1.
- 4 Melior est tutior pax, quam spērata victoria. Idem lib. 10. Dec. 3.
- 5 Ne tot annorum felicitatē in unius horæ dederis discrimin. Idem ibi.
- 6 Leges, aut judicia esse non possunt sublata pace. Cicer. Philip. 8.

Pacis

- 7 *Pacis fulgor Ecclesiam illuminat.*
Chrys. ho. 3. sup. epist. ad Coloss.
- 8 *Pacem amātes, Deum qui est Au-*
thor pacis, amant. S. Isid. epist. 41.
- 9 *Nequaquam Imperator ita paci*
credat, ut non se præparet bello.
Vegetius.
- 10 *Mariz na sua vida.*
- 11 *Melior est talis pugna, quæ Deo*
proximum facit, quam pax illa quæ
separat a Deo. Erasm. in epist.
- 12 *Pax vera est concordiam habere*
cum moribus probis, & litigare
cum vitijs. Cassiod. sup. Psalmos.
bem Quisto.
- 13 *Apud Jurisconsult.*
- 14 *Sic est vulgus: ex veritate pauca,*
ex opinione multa judicat. Cicer.
pro Rosc.
- 15 *Veritas apud se se vincit: opinio*
autem

autem apud exterros. Arist. epist. ad Stob.

16 *Dionys. Halic. lib. 3.*

17 *Perturbant homines non res ipsæ, sed rerum opiniones. Arist. epist. apud Stob.*

18 *Senec. de vita Beata.*

19 *Opinio infinitos perdit. Stob.*

20 *Mariz na sua vida.*

Quotidiano.

21 *Qui amat quotidie, nō fingit amorem: siquidem qui quotidie dispensat, thesaurum non adquirit, nec ambitionem dissimulat, &c. Ioan. de Ormiza, tract. de libro rationali cap. 3.*

22 *Faria Epit. & Mariz, & Fr. Rafael na sua vida.*

R

Reformado.

- 1 **C**Ornel. Tacit. l.3. Petrarc.
lib.5. epist. II.
- 2 Senec. epist. ad Lelium.
- 3 Omnes scimus morituros , sed non
omnes metu mortis se abstinent à
vitijs. Ribeira serm. 4. fer. Ciner.
- 4 Stellæ cadent , Sol obscurabitur:
unde in cœlestibus dignitatibus si=mul
apparet justitia, ne tu veniam
ſperes. Idem serm. D. I. Advent.
- 5 Mariz nas suas vidas. Paral. de
Princ.c.47. & 49. & Faria Epit.

Reportado.

Loquax nunquā strenuus , & ma-
gnificus ; magnificantia verò sub
ſilentio lucet, operatur, &c. Ram=lin. in quod. serm.

Lin-

- 7 Lingua non discrepat à mente. Desmet. Phaler.
- 8 Linguae præire animo non permit= tendum. Chilo apud Diog.lib.1.
- 9 Quod facere institueris , noli præ= dicare , nam si facere nequiveris , rideberis. Pithag. apud Diog.sup.
- 10 Plin. jun. lib.1. epist.
- 11 Sermones proferamus libra justi= tiæ examinatos , ut sit gravitas in sensu, in sermone pondus, atque in verbis modus. D. Amb. 3. officior.
- 12 Diu considera quid loquendum est, Et adhuc tacens provide , ne quid dixisse pæniteat. Tertul.
- 13 Horat. de Arte Poet.
- 14 D. Amb. sup. Beat. immacul.
- 15 D. Hieron. sup. 12. Proph.lib.2.
- 16 Etenim Sacramentum Regis ab= scondere bonum est. Tobiae 12. ¶ 7.
Est

- 17 *Est tempus quando nil, & est tempus quando aliquid est dicendum: nullum verò tempus est, quando sunt omnia.* D.Heron.

Reverente.

- 19 *Bobadilh. tom. I. Polit. l. 2. c. 7. n. 1.*

- 20 *Ibi numero 3.*

- 21 *Ibi numero 4.*

- 22 *Duarte Nunes na vida d'el-Rey D. Affonso III. & Mariz na de El-Rey D. Sancho II.*

- 23 *Phil. Judæ. lib. de Sacerd. honorib.*

- 24 *Sic nos existimet homo ut ministros Christi, & dispensatores ministeriorum Dei. I. ad Corinth. cap. 4.*

- 25 *Mariz na sua vida.*

- 26 *Qui vos audit, me audit: & qui vos spernit, me spernit.* Lucæ 10.

- 27 *Mariz na sua vida.*

- 28 *Duarte Nunes de Leão Chron.*

d'el=Rey D. Affonso Henrique. Pina:
 Chron. d'el=Rey D. Affonso V. c.
 188. Faria na vida d'el=Rey D.
 Joaõ o II.

S

Sabio.

- 1 **N**emo magnus in potestate cum stultitia. Plutarc. de mort. Alex.
- 2 Quum Princeps ipse nullam habet rerum cognitionem, qui si vel ingenio valeret, vel librorum lectio- ne quæfitam haberet aliquam prudentiam, non temerè circumveniri posset, &c. Philipp. Comin. lib. 7.
- 3 Nulla maiori clade populum Deus affigere potest, quam si Principem ei præficiat stolidum, & imperitum. Nam quia tutius ab aliorum arbiti-

arbitrio ille pendeat, noscuntur fas-
ctiones, &c. Idem lib. 5.

- 4 Hugo de clauistro animæ lib. 2.
 - 5 Veluti gubernatores vētorum mu-
tationibus se accōmodant naviga-
ri: sic vir revera sapiens. Aristo-
nim. apud Stobæ. ser. I. de Prud.
 - 6 D.Basil. lib. de Abrah.
 - 7 Ubicunque acceſſerit sapiens, ubi-
que civis est. D.Amb. epift. 36. ad
Constant.
 - 8 Antonio de Souza de Macedo,
Armonia Polit.p.3. §.II.n.2.
 - 9 Flores de Hespanha c.8. fol.66.
 - 10 Geminiamus in Exempl.
 - 11 Armon. Polit.ubi sup. n.4. & Se-
verim na vida de Ioaõ de Bar-
ros, fol.53.
- Sofrido.
- 12 Tolerantiam hic, fortitudinis ſpe-
Mij ciem

- ciem in ferendis malis statuimus,
Eccl. Anonymus.
- 13 Plerumque Princeps justus malorum errores dissimulare voluit, non quod iniuriant eorum consentiat, sed quod ad tempus correctionis expectet, quando eorum vitia emendare, vel punire valeat. D. Isidor. lib. 2. de summ. bono.
- 14 Magnū malum est ferre non posse malum. Bion. apud Diog. lib. 4.
- 15 Impatientia sēpē inimica est post stati. D. Greg. Mag. 20. Moral.
- 16 Magna gloria si cui nocere potuisti, parcas. Hug. lib. 3. de Anima.
- 17 Non est perfectè bonus , nisi qui fuerit etiam cum malis bonus. D. Greg. Magn. in homil. Cum audieritis.
- 18 Marius Esclar. de bonitate , Eccl.

- clement. tract. 3. §. 4.
- 19 D. Ambros. sup. Beat. immacul.
- 20 Beatus Job quot voces patientiæ
in laudem Dei percussus reddidit,
quasi tot in adversarij pectore ja=
cula intorsit. D. Greg. Magn. in
Moralib.
- 21 Idem sup. Ezech.
- 22 Philippus de Espin. tract. de pa=
tient. §. ex Coronis n. 11. & Brit=
to 2. p. da Monarquia Lusitana.
Duarte Nunes na Descripçao de
Portug. Vasconc. Descript. Lusit.
- 23 Ibidem.
- 24 Viridic. sup. tract. de plantis.
Secreto.
- 25 Qui regit, audit, non publicè re=
velans, sed cautè discurrit. Au=
dire & dicere, non Regis, sed pu=
blicani non sapientis, & indocti,

pars est.. P. Ambros. de Monte Olivet. tom. Quadragesimal. in serm. Transfig. Nemini dixeritis.

T

Tratavel.

- 1 **Q**uid prodest aestimatio Car= bunculi, cum sit ex nomine, & non scientia : sic op= nio intractabilis, quamvis ex se sit vera, &c. Vergomens: lib. 2. de Fama, & ejus abusionib.
- 2 Epictetus apud Stob. incipiēs: Ho= minem quicum converseris tribus modis considera, &c.

Timorato.

- 3 D. August. cont. Pel. lib. 2.
- 4 Anchora mentis pudor timoris. D. Greg. Magn. 22. Moral.
- 5 Geminian. lib. 9. de Artificib. c. 76.

Cassio-

- 6 Cassiod. sup. Psalm. 32.
- 7 In via Dei à timore incipitur, ut ad fortitudinē veniatur. D. Greg. Magn. in Moral.
- 8 Potestas tanto premi interius debet, quanto exterius eminet. Idem 26. Moral.
- 9 Noveris te, ut Deum timeas, &c. D. Bern. sup. Cantic. serm. 37.
- 10 D. Xavier Titu. sup. Catholic. & Fr. Hieron. Romam. Republ. lib. 4. cap. 18.
- 11 Gregorius de Hesthen. in vita Regum Titulo Lusitania n. 30.
Temido.
- 12 Imperium non est experiendum, cuius vis est in consensu obedientiam. Livius lib. 2. Decad. 1.
- 13 In distributione potestatis cognoscitur firmitas Reipublicæ. Xenoph.

- 14 Incaute agit qui ex potestate me= dicinam non facit, &c. Galenus de Republ. confid. 30. n. 60.
- 15 Efficiat Princeps, ut subditi me= tuant, non ipsum, sed pro ipso. Pi= tac. apud Stob.
- 16 Herodot. lib. 3.

V

Virtuoso.

- 1 **R**eges a recte agendo vocati sunt: ideoque recte facie= do Regis nomen tenetur, peccando amittitur. S. Isid. l. 3. de sum. bono.
- 2 D. Bern. lib. 3. de Quadrag.
- 3 Unusquisque studiosè curat, ut ex vita meritis sibi fides habeatur. Agesilaus apud Plut. in Apoph.
- 4 D. Greg. Magn. l. 46. Moral. sup. illud Iob. 6. Reges in solio collocat, &c.

Sum=

- 5 Summus locus bene regitur, cum is
qui præest, vitijs potius, quam fra-
tribus dominatur. Greg. Mag. 26.
Moral.
- 6 Cyrus arbitrabatur sibi virtutem
colendam esse. Nec enim fieri posse
putabat, ut si quis talis ipse non sit
qualem oporteat, alios ad præcla-
ras, & laudabiles actiones ex-
citaturum. Xenoph. de inst. Cyr. l. 8.
- 7 Idem sup. illud Iob. 3. Cum regibus
& consulibus terræ.
- 8 Duo sunt quæ ab egregijs Princi-
pibus expectantur: sanctitas domi,
in armis fortitudo, utrobique pru-
dentia. Sex. Aurel. Victor. Trajan.
- 9 Emitur sola virtute potestas. Clau-
dian. de 3. Conf.
- 10 Plutarc. l. de Tuend. bon. valetud.
- 11 *Ibi.*

12 Mariz Dialog.4. cap.12.
Vigilante.

13 Navis semper fluctuans Regnum dicitur: ò quam periculosa est potestas! undique spinae pungunt, in pace otium, &c. Bias de Regno lib.3.

14 Potestas culminis , est tempestas mentis. D.Greg.Magn.in Pastor.

15 Vigilia est dispositio, in qua anima imperat sensibus , & virtutibus exterioribus, & movet voluntariè ad operandum. Secundū Avicen.

16 D.Ambros. in suo Pastoral.

17 Viridicus sup. §. 30.

18 Ibi §. 31. & 30.

19 Mariz Dialog.3.cap.4.
Veneravel.

20 Magnorum virorum non minus utilis est præsētia , quam memoria. Senec.epist.102. & v.Cassiod. l.3. epist.6. Gra=

21. *Gravitas vultus signum decoris,
Et virtutis. Bias apud Stob.*

X

Xavier

Por affe^to.

1. **S**anctum hunc Benedictum
contingis, Et Italum, Et
Austrium: Austriacum quippe
genus à Beati Benedicti proge=
nitoribus oriri, notissimum est.
Ioann. à Bosco in dedicat. Bibliot.
Floriacens. Ego ex varijs Author.
fide dignissimis certo didici, Au=
striorum familiam nobilissimam, Et
antiquissimam, eodem cum D. Be=
nicti sanguine procreatam. Ar=
nold. Vbion. in dedic. Ligni vitæ t. I
2. Consta da Illustrissima Arvore do
Palatinado, Et Casa de Austria.
Dez

- 3 *Devotio unguentum est, animæ dolorem leniens.* D. Bernard. supra Cant. serm. 16.
- 4 *Vt expellas infirmitatem, devotio= nem auge, quære enim virtutes Sanctorum secundùm distributio= nem spiritus, quia alijs dedit spí= ritus sanitatis,* &c. P. Gabriel à Souz. in serm. omn. Sanct. §. ult. tom. 2.
- 5 *Faria na sua vida.*
Por imitaçāo.
- 6 *Qui Sanctorum merita religiosa charitate miratur, quicunque ju= storum glorias frequenti laude col= loquitur, eorum mores sanctos, at= que justitiam imitetur,* &c. D. Ioan. Chrysost. serm. de Conf.
- 7 *Quæ est ista justitia, sanctos cole= re, & sanctitatem contemnere?*

Sine

Sine causa ergo justos honorat, qui justitiam spernit. Idem sup. Matth. cap. 24.

- 8 *Debemus etiam vitam ejus attenedere: quia homo ille similis nobis fuit passibilis, ex eodem luto formatus ex quo & nos. Quid ergo est, quod non solum difficile, sed impossibile credimus, ut faciamus opera quae fecit, ut sequamur vestigia ejus? D. Bernard. in quod. serm.*
- 9 *Vide Maffæum hist. Indiæ late.*

Z

Zeloso

Do serviço de Deos.

- 1 *F*ructuosus zelus in amore Dei radicatur. D. Bernard. in serm.
- 2 *Zelus amaritudinis, pallium ini=*
mici=

- micitiæ. D. Anselm. lib. 3.
- 3 Zelus floridus, fructiferus, & amarus procedit ex amore Dei, & proximi. Alanus de Rupe.
- 4 Zelum tuum inflammet: charitas, informet scientia , firmet constanza: sit fervidus, sit circumspectus, sit invictus, &c. D.Bernard.sup. Cantic.
- 5 Idem ibi.
- 6 Nullum Omnipotenti Deo tale est sacrificium, quale est zelus animarum.D.Greg. sup. Ezech.
- 7 Esca justorum est conversio peccatorum. Idem 4. Moral.
- Da observancia das Leys.
- 8 Zelus est fervor animæ ad compassionē naturæ, &c. Hug.in Ioel.
- 9 Zelus veniam negans , furor est. D.Chrys.Hom. de nomin. Abrah.
- Ze=

- 10 Zelum tēperare, misericordia. Ibi.
11 Mariz, & Duarte Nun. na sua
vida.
12 Plato epist.9. & l.1. de inventio.
13 Leges inobservatae, corpus sine a=
nima, caput sine mente, oculus sine
luce. Zorita pro Cluent.lib.3.

Do bem commum.

- 14 Humilis sibimetipsi utilis. Erasm.
15 Ingens est gloria Principis morien=
tis Rempublicam magis amasse quā
filios. Fla. Vepisco in Tacito.
16 Princeps à justo nec nomine, nes
vita differt, si Princeps Dei est,
& non mundi, si Pater, & non
Tyrānus, si Christianus, & non
Hæreticus. P. Christoph.de Utino
in serm.de quinque Vulner.

F I N I S.

College of Life
Medicine

